

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Liliane Ferenci

JORNALISMO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE DO LIVRO-
REPORTAGEM PRESOS QUE MENSTRUAM

Passo Fundo

2016

Liliane Ferenci

**JORNALISMO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE DO LIVRO-
REPORTAGEM PRESOS QUE MENSTRUAM**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo (UPF), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Prof^ª. Ms. Maria Joana Chaise.

Passo Fundo

2016

Liliane Ferenci

Jornalismo literário: uma análise do livro-reportagem Presos que Menstruam

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo (UPF), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Prof^ª. Ms. Maria Joana Chaise.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Ms. Maria Joana Chaise

Prof. Dr. _____ - _____

Prof. Dr. _____ - _____

Agradeço a Deus pelo caminho percorrido até aqui e pela vida partilhada com muitas pessoas.

À orientadora, professora Maria Joana Chaise, que, com muita paciência e dedicação, auxiliou na realização desta monografia.

Aos meus pais, Vicente e Terezinha, por compreenderem minha ausência durante esse período e por me incentivarem nos momentos de tensão.

Aos amigos da Pastoral da Juventude, por mostrarem que nossos sonhos, por mais difíceis que pareçam ser, se sonhados e construídos juntos, tornam-se realidade.

Ao Programa Universidade Para Todos por possibilitar, a mim e a milhares de jovens brasileiros, o ingresso no ensino superior.

E, por fim, agradeço as pessoas que fizeram parte dessa etapa da minha vida, especialmente aos meus colegas de aula e aos ex-colegas de estágio do Núcleo Experimental de Jornalismo e do Jornal Folha Regional.

RESUMO

O presente trabalho estudou a presença do jornalismo literário no livro-reportagem “Presos que Menstruam”, escrito pela jornalista Nana Queiroz. Para isso, foi necessário estudar o papel do jornalista como construtor da realidade a partir da teoria construcionista, bem como compreender os aspectos do texto literário e a conceituação de livro-reportagem. Por meio de uma análise de conteúdo, foi avaliada a primeira história que abre cada um dos sete capítulos que compõem o livro. Buscou-se identificar em cada uma delas a presença das características do conceito da Estrela de Sete Pontas, apontadas por Felipe Pena (2006) para referir-se ao jornalismo literário. A partir da análise foi possível identificar a presença de todas as características trazidas pelo autor em todos os textos, sem exceções. As mais presentes foram a potencialização dos recursos do jornalismo, a intenção de exercer a cidadania e o rompimento com as correntes do *lead*.

Palavras-chave: Jornalismo Literário. Estrela de Sete Pontas. Livro-reportagem. Presos que Menstruam. Nana Queiroz.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. O JORNALISTA COMO CONSTRUTOR DA REALIDADE	9
1.1 A teoria construcionista	9
2. A UNIÃO ENTRE JORNALISMO E LITERATURA	14
2.1 Jornalismo literário.....	14
2.2 Livro-reportagem	19
3. METODOLOGIA	25
3.1 Apresentação do objeto.....	25
3.1 Metodologia de pesquisa	26
4. ANÁLISE	29
4.1 Análise do capítulo 1 – Safira: Leite, fraldas e pote de açúcar.....	29
4.2 Análise do capítulo 2 – Gardênia.....	33
4.3 Análise do capítulo 3 – Júlia: Júlia gosta do tipo errado	36
4.4 Análise do capítulo 4 – Vera: Maria-João.....	39
4.5 Análise do capítulo 5 – Camila: Joe.....	42
4.6 Análise do capítulo 6 – Glicéria: Encantados.....	46
4.7 Análise do capítulo 7 – Marcela: Ser lésbica x estar lésbica na cadeia	48
4.8 Síntese da análise.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

INTRODUÇÃO

O jornalismo literário possibilita aprofundar-se em reportagens mais humanizadas. Esse modelo foge dos padrões engessados das redações e propõe, ao leitor, outra visão de mundo. Por este motivo, o presente trabalho objetiva estudar a presença do jornalismo literário no livro-reportagem *Presos que Menstruam*, escrito pela jornalista Nana Queiroz. Lançado em julho de 2015 pela Editora Record, a obra traz relatos do dia a dia de mulheres dentro das principais penitenciárias femininas brasileiras. A escolha deste objeto de estudo deu-se a partir de seu lançamento e pelo gosto pessoal pelo tema abordado, ao perceber que a autora deu voz àquelas que geralmente não são ouvidas.

Além de informar, o jornalismo literário revela aquilo que não é mostrado nas matérias do dia a dia e possibilita ao jornalista outras maneiras de contar uma história, através de um texto mais sensível. Esse tipo de escrita mantém a essência do jornalismo e reforça características importantes.

As prisões do país possuem, hoje, quase 580 mil presos, de acordo com Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), de junho de 2014. Desse total, aproximadamente 37 mil são mulheres. A história de mulheres presas é relatada ao longo de 294 páginas do livro-reportagem em estudo, divididas em sete capítulos. Para a análise, foram selecionadas a primeira história contada de cada capítulo, totalizando sete personagens. Nessas publicações serão identificadas a presença dos aspectos do Jornalismo Literário a partir do conceito definido por Felipe Pena (2006), denominado Estrela de Sete Pontas.

Pena (2006) defende que, ao escrever um texto literário, o jornalista precisa, em primeiro lugar, usar os bons e velhos costumes do jornalismo, apurando todos os fatos e construindo uma narrativa para informá-los de forma clara ao leitor. Após isso, o autor destaca que o profissional deve ir além, e isso torna-se possível ao ultrapassar os limites das matérias do dia a dia, abordando temas não-factuais ou assuntos menos discutidos. Como terceira característica, Pena (2006) sugere que o texto literário proporcione uma visão ampla da realidade, com atenção para os mínimos detalhes. Ainda, assim como todo bom profissional, colocar-se no lugar de seus entrevistados é essencial para conseguir descrever os fatos da melhor maneira possível e, por isso, a quarta característica orienta exercer a cidadania. Para que o texto construído seja algo inovador e agregue aos leitores, o autor orienta que o jornalista rompa com as correntes do *lead*, sem preocupar-se com a objetividade, e evite as fontes primárias, que são aquelas que sempre

aparecem nas notícias. Por fim e não menos importante, Pena (2006) defende que todas as reportagens literárias sejam perenes e em profundidade.

Este estudo está organizado em quatro capítulos. No primeiro é apresentado o jornalista como delineador da realidade, a partir da teoria construcionista, com conceitos defendidos por Nelson Traquina (2005), Berger e Luckmann (1985), entre outros. O segundo resgata a história e as principais características da união entre jornalismo e literatura, lembrando, também, sua presença nos textos em livros-reportagem. Para tanto, são referências os estudos de Felipe Pena (2006), Edvaldo Pereira Lima (2004), Eduardo Borges (2013), Nilson Lage (2004) e demais autores. No terceiro capítulo são apresentados o objeto de estudo, a metodologia e conceituação que cerca o tipo de análise que será utilizada para obtenção dos resultados desta pesquisa. E, no último, são analisadas a primeira história de cada um dos sete capítulos do livro.

1. O JORNALISTA COMO CONSTRUTOR DA REALIDADE

A partir da visão de três principais autores, neste capítulo será possível compreender como cada indivíduo interpreta a sua realidade, a partir da teoria construcionista e de alguns critérios de noticiabilidade aplicados ao jornalismo.

1.1 Teoria construcionista

Por que as notícias são como são? Na busca por uma resposta a essa pergunta alguns estudiosos passaram a discutir, por volta de 1970, o paradigma da notícia como construção da realidade. O jornalista, neste caso, não é definidor do que é ou não considerado notícia, mas é caracterizado como um profissional inspirado pela sociedade e, como resultado disso, passa a influenciá-la também ao participar da produção de notícias (PENA, 2009):

Na verdade, o método construtivista apenas enfatiza o caráter convencional das notícias, admitindo que elas informam e têm referência na realidade. Entretanto, também ajudam a construir essa mesma realidade e possuem uma lógica interna de constituição que influencia todo processo de construção (PENA, 2009, p. 129).

Para compreender o papel do jornalista diante desse contexto, faz-se necessário, primeiramente, contextualizar a discussão acerca da pergunta: o que é considerado real? Para Berger e Luckmann (1985), a realidade pode ser entendida como uma junção de fenômenos carregados ao longo da vida de um indivíduo. Ou seja, o cotidiano de cada um será interpretado através de sua concepção de mundo. "Embora seja possível dizer que o homem tem uma natureza, é mais significativo dizer que o homem constrói sua própria natureza, ou, mais simplesmente, que o homem produz a si mesmo" (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 72). Essa construção é resultado do local onde o indivíduo está inserido geograficamente:

A linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim. Vivo num lugar que é geograficamente determinado; uso instrumentos, desde abridores de lata até os automóveis de esporte, que têm sua designação no vocabulário técnico da minha sociedade; [...] desta maneira a linguagem marca as coordenadas de minha vida na sociedade e enche esses objetos de significação (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 38-39).

Os autores ainda ressaltam que cada indivíduo terá uma forma de observar a realidade que o cerca e exemplificam que a vida cotidiana é aquilo que está ao alcance de cada um, em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente. “A realidade cotidiana está organizada em torno do “aqui” de meu corpo e do “agora” do meu presente (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 39). Nesse mesmo sentido entende-se que, como o indivíduo já nasce inserido em um determinado contexto, ele terá dificuldade ou até mesmo desinteresse em compreender aquilo que não está ao seu alcance. Por esse motivo, Berger e Luckmann ainda (1985) refletem:

Sei, evidentemente, que a realidade da vida cotidiana contém zonas que não me são acessíveis desta maneira. Mas, ou não tenho interesse pragmático nessas zonas ou meu interesse nelas é indireto, na medida em que podem ser potencialmente zonas manipuláveis por mim. Tipicamente meu interesse nas zonas distantes é menos intenso e certamente menos urgente (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 39).

A partir desse breve conceito acerca de como a realidade pode ser compreendida, a teoria construcionista vem, então, para se opor à perspectiva de notícias como distorção ou espelho da realidade, que vê o jornalista como responsável por refletir o que é a realidade e o que a determina. “Nos estudos da parcialidade das notícias, a teoria das notícias como espelho não é posta em causa; nos estudos que utilizam a perspectiva das notícias como construção, a teoria do espelho é claramente rejeitada” (TRAQUINA, 2005, p. 168). De acordo com Traquina (2005), essa rejeição é resultado de um processo que corresponde a três características:

Em primeiro lugar, argumenta que é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os *media* noticiosos que devem “refletir” essa realidade, porque notícias ajudam a construir a própria realidade. Em segundo lugar, defende a posição de que a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutral é impossível. Em terceiro lugar, é da opinião que os *media* noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos aspectos organizativos do trabalho jornalístico (TRAQUINA, 2005, p. 169).

Nesse contexto, Traquina (2005) enfatiza que as notícias como construção não são ficção, mas, pelo contrário, são construídas a partir da bagagem cultural de cada jornalista. “As notícias como uma forma de cultura incorporam suposições acerca do que importa, do que faz sentido, em que tempo e em que lugar vivemos, qual a extensão das decisões que devemos tomar seriamente em consideração” (SCHUDSON apud TRAQUINA, 1982/1993, p. 14).

Vale ressaltar a forma como essa realidade é apresentada ao leitor. Para Moretzsohn (apud Borges, 2013), a maneira como uma notícia é escrita pode aparentar ser como uma telenovela, contada em pedaços e em acontecimentos aleatórios. Para ele, é impossível domesticar a realidade. Ao apresentar um fato, sem intenção de distorcê-lo, o jornalista irá escrevê-lo a partir de uma construção simbólica e de suas escolhas.

Dizer que o trabalho de informar ‘não envolve, ou não deveria envolver nenhuma ação ou decisão’ é, antes de mais nada, ignorar a ação ou decisão prévias que orientaram o percurso de escolha das próprias informações a serem relatadas fidedignamente, além disso, é desconsiderar todo processo discursivo que resultará nesses relatos através dos quais o jornalismo se materializa, o que implica desconsiderar o próprio jornalismo como discurso (MORETZSOHN apud BORGES, 2013, p. 26).

Apesar de a grande maioria de profissionais afirmar buscar ser neutro ao escrever suas matérias, Traquina (2005) exemplifica que, ao selecionar fontes para falar sobre determinado assunto, o profissional construirá o texto a partir da sua interpretação daquela realidade, já apresentada por outra pessoa. Ou seja, todo acontecimento será relatado através de um ponto de vista:

E quando se afirma que as pessoas têm interesse em versões diferentes desse acontecimento, que qualquer acontecimento pode ser construído das mais diversas maneiras e que se pode fazê-lo significar as coisas de um modo diferente, esta afirmação de algum modo ataca ou mina o sentido de legitimidade profissional dos jornalistas, e estes resistem bastante à noção de que a notícia não é um relato, mas uma construção (HALL apud TRAQUINA, 2005, p. 170).

Naturalmente, cada pessoa lerá e interpretará a notícia de uma forma diferente. E isso só acontece porque, segundo Borges (2013), há algumas etapas que compõem o processo do fazer informativo e permitem essa interpretação. São elas: seleção e preparação dos canais que serão usados para divulgação do relato; controle de relevância dos acontecimentos; controle dos valores de verdade dos acontecimentos selecionados; hierarquização da notícia quanto ao espaço e a visibilidade a ocupar, e preparação final da maneira pela qual esse acontecimento ganhará publicidade.

Esses momentos perfazem níveis diferentes de seleção, apuração e decisão sobre a notícia e estão intimamente relacionados com outros parâmetros também levados em conta na feitura do texto jornalístico, entre os quais se destacam as rotinas produtivas,

a cultura profissional, as políticas editoriais e o acesso das fontes (BORGES, 2013, p. 58).

O processo de construção da notícia também é explicado por Tuchman (apud Pena, 2010). A autora defende o jornalista como profissional responsável por organizar as informações referentes aos fatos cotidianos para explicá-los da melhor forma possível. Para realizar essa atividade, traz três sugestões:

Tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido como acontecimento notável; elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham a pretensão de dar a cada fato ocorrido um tratamento idiossincrático; organizar, temporal e espacialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planejada (TUCHMAN apud PENA, 2010, p. 129).

Nesta construção sugerida por Tuchman enquadra-se, também, a teoria do *Newsmaking*, defendida por Wolf (1990) e por Traquina (2005). Ambos acreditam que o processo de construção da notícia tornou-se engessado. Ou seja, os critérios de noticiabilidade proporcionam aos jornalistas a terem um “padrão” de operação nas rotinas de produção.

A noticiabilidade está estreitamente relacionada com os processos de rotinização e de standardização das práticas produtivas: equivale a introduzir práticas produtivas estáveis, numa matéria prima (os factos que ocorrem no mundo) que é, por natureza, extremamente variável e impossível de prever. Sem uma certa rotina de que podem servir-se para fazer frente aos factos imprevistos, as organizações jornalísticas, como empresas racionais, falhariam (WOLF, 2002, p. 190).

Os valores-notícia, um dos elementos dos critérios de noticiabilidade, são uma forma de acompanhar todo o processo de produção e de seleção das notícias. Isso quer dizer que, ao escrever uma notícia, por exemplo, o profissional usará alguns critérios para defini-la como tal (WOLF, 2002):

Os valores notícia utilizam-se de duas maneiras: São critérios de seleção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final, desde o material disponível à redação. Em segundo lugar, funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na preparação das notícias a apresentar ao público (WOLF, 2002, p. 196).

A visão dos autores trabalhados até aqui possibilitou compreender como o jornalista interpreta a realidade. Bem mais do que apenas representá-la, esse é um processo de interação entre jornalistas, cases, fontes e sociedade. O profissional, desde a apuração dos fatos até a finalização da matéria, será o responsável por fazer com que o leitor possa entender, de uma forma clara, determinados acontecimentos, a partir de uma seleção daquilo que é – ou não – considerado importante.

Assim como disse Wolf (2002), as redações traçam um perfil um pouco engessado na seleção do que será tratado como notícia. Para livrar-se disso, muitos jornalistas encontraram nos livros-reportagem uma forma de elaborar um trabalho mais detalhado e humanizado, utilizando a linguagem literária em seus textos. Diante disso, no capítulo a seguir será apresentado o conceito de Jornalismo Literário e como esse tipo de texto está figurando atualmente em livros-reportagem.

2. A UNIÃO ENTRE JORNALISMO E LITERATURA

Após compreender o papel do jornalista como construtor da realidade, este capítulo abordará a união entre jornalismo e literatura, as características de um texto literário e a sua presença em livros-reportagem, a partir de conceitos de dois principais autores, Pena (2006) e Lima (2004).

2.1 Jornalismo literário

Jornalismo e literatura caminham juntos; ambos se complementam e se mantêm sincronizados. De acordo com Lima (2004), essa união iniciou a partir da última metade do século XIX, mais especificamente em 1830, quando jornalistas, após perceberem que a imprensa havia se tornado moderna e padronizada, se sentiram motivados a mostrar a realidade de uma forma diferente e passaram, então, a usar literatura em suas reportagens. O que havia em comum entre ambos, no entanto, era o ato da escrita.

O ponto mais relevante nesse processo inicial foi a produção de folhetins, gênero literário criado para unir as duas atividades. De acordo com Pena (2006), esse foi o período “em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins” (PENA, 2006, p. 21).

Na verdade, a literatura e a imprensa confundem-se até os primeiros anos do século XX. Muitos dos jornais abrem espaço para a arte literária, produzem seus folhetins, publicam suplementos literários. É como se o veículo jornalístico se transformasse numa indústria periodizadora da literatura da época (LIMA, 2004, p. 174).

Os folhetins não contemplavam apenas os leitores, mas também escritores e donos de jornais; o primeiro buscava tornar-se conhecido; o segundo, lucrar com a venda de jornais (PENA, 2006). Mas isso não durou muito tempo. Ao perceberem a carência de profissionais da imprensa devido a essa ideia de ‘mercado’, muitos jornalistas revoltaram-se e como consequência criaram, em 1960, nos Estados Unidos, o Novo Jornalismo, também conhecido como *New Journalism*:

O *new journalism* americano foi a manifestação de um momento do Jornalismo Literário. Isso quer dizer que o JL, enquanto forma de narrativa, de captação do real, de expressão do real já existia antes e continua existindo após o *new journalism*, que foi só uma versão específica do JL, mas uma versão radical quando comparada à anterior, principalmente, no que se refere à capacidade do narrador se envolver com o universo sobre o qual vai escrever (LIMA, 2002).

Essa forma literária do *new journalism* fez com que aumentasse o número de pessoas interessadas por esse tipo de escrita, pois era uma linguagem que despertava o desejo do leitor em consumir os fatos, ao contrário das formas mais objetivas, que não os atraíam muito (PENA, 2008). Para Sodré (apud Lima, 2004), os homens buscavam encontrar no jornal o que não encontravam nos livros (SODRÉ apud LIMA, 2004, p. 175).

Essa foi também uma época de transformações, já que “havia literatura do fato real, a literatura fática, que era justamente o resultado de um certo desencanto com a ficção e uma vontade de aprender aquela realidade muito rica, muito nova que estava surgindo” (SCHNAIDERMAN apud LIMA, 2004, p. 178).

O jornalismo começa, então, a absorver elementos característicos do fazer literário, inspirando escritores a elaborarem textos mais detalhados, ricos em conteúdo e com aspectos da realidade, conforme aponta Lima (2004):

Num primeiro movimento, o jornalismo bebe na fonte da literatura. Num segundo, é esta que descobre, no jornalismo, fonte para reciclar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades de representação do real efetivo – uma espécie de reportagem – com sabor literário – dos episódios sociais, e a incorporação do estilo de expressão escrita que vai aos poucos diferenciando o jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza e simplicidade (LIMA, 2004, p. 178).

Em contrapartida, Borges (2013) acredita que a junção entre jornalismo e literatura pode aparentar, para o público leitor, ser um texto sem credibilidade ou compromisso com a veracidade de todos os fatos:

Ele vem sendo encarado como um produto misto, situado em uma perigosa zona fronteira em que a principal função do jornalismo poderia estar sob risco por conta de possíveis influências exacerbadas da literatura e de seu espírito criativo sobre o discurso da informação. Para os defensores da objetividade jornalística como um patrimônio, essa relação pode se tornar promíscua e deturpadora (BORGES, 2013, p. 178).

Percebe-se, então, que a linguagem literária usada no jornalismo pode, de certa forma, incomodar quem procura por textos mais objetivos. Isso porque, segundo Lima (2004), a literatura está basicamente interessada na escrita, preocupada em detalhar todas as características dos personagens e ambientes nos quais os personagens estão inseridos.

Para Pena (2006), os profissionais encontram no jornalismo literário uma maneira de aprofundarem-se em matérias bem elaboradas, pois, para ele, o jornalismo “vem se transformando, salvo raras boas exceções, em um palco de futilidades e exploração do grotesco e da espetacularização” (PENA, 2006, p. 13). O leitor poderia encontrar, em textos dessa natureza, uma história contada de forma mais humanizada e atrativas, ao contrário dos textos objetivos e padronizados das matérias cotidianas.

No entanto, Borges (2013) defende que a construção textual não se trata de uma luta pela conquista de corações e que há uma diferença visível entre profissionais que escrevem literatura dos que escrevem jornalismo.

Os profissionais das redações e os teóricos que apostaram no valor de determinadas experimentações discursivas envolvendo o jornalismo e a literatura são, geralmente, encarados como escritores que estão no meio jornalístico, estilistas de linguagem, saudosistas ou pessoas de talento reconhecido, mas que talvez não se adéquem ao dia a dia, em que a agilidade vale mais que a habilidade na elaboração de bons textos (BORGES, 2013, p. 179-180).

Dessa forma, pode-se entender que os textos de jornalismo literário fogem da obrigação do *dead line*, ou seja, possibilitam um tempo de dedicação maior que as matérias factuais, por exemplo, pois não são engessadas e não precisam seguir os padrões do *lead*, necessariamente.

Para Olinto (apud Borges, 2013), o jornalismo é um campo que permite trabalhar de uma forma mágica com todas as palavras, independentemente do tipo de notícia que for escrita. “O jornalismo tem todas as condições de ser um gênero literário quando executado com arte. Ele acrescenta ao discurso informativo uma faceta que não se contenta com o pragmatismo de transmitir novidades ao público, mas que guarda um aspecto essencialmente estético” (OLINTO apud BORGES, 2013, p. 221).

Castro (2002) afirma que a característica principal da escrita jornalística é provocar efeitos de realidade:

O texto jornalístico permite que várias pessoas (além do repórter ou do redator) possam nele intervir, alterando-o tantas vezes queiram, sendo por fim, o resultado de

uma produção coletiva. O texto literário permite, por sua vez, diversos níveis de relação no interior do próprio texto, produzindo meta-narrações, explorando diversas camadas de significação, criando efeitos da realidade (CASTRO, 2002, p. 80).

Esses aspectos sobre a construção do texto também foram trabalhados por Pena (2006). O autor acredita que, apesar da correria das redações, o jornalista deve, sim, buscar outras maneiras para incrementar suas produções. E isso vai muito além de apenas fugir das amarras das redações:

O conceito de jornalismo literário é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocrática do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2006, p. 13).

De uma forma simples, para explicar cada passo que leva à construção de um texto jornalístico literário, Pena (2006) criou o conceito Estrela de Sete Pontas, que são “sete diferentes itens, todos imprescindíveis, formando um conjunto harmônico e retoricamente místico” (PENA, 2006, p. 13).

Na primeira ponta o autor defende que é necessário potencializar os recursos do jornalismo, aproveitando todo conhecimento adquirido com o jornalismo diário e usá-lo para aperfeiçoar e constituir novas táticas profissionais. “Os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas” (PENA, 2006, p. 14).

Em segundo, Pena sugere ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano. Ou seja, apesar de as redações estabelecerem um certo padrão a ser seguido na construção textual da notícia e darem um prazo para finalizá-la – o famoso *deadline*, o jornalista rompe com características básicas do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade, sem se preocupar com a novidade, mas com o “desejo do leitor em consumir os fatos” (PENA, 2006, p. 14).

A terceira ponta ressalta que o dever do profissional é proporcionar uma visão ampla da realidade. Todo relato é uma interpretação daquilo que é visto, seja qual for a abordagem. No entanto, o jornalismo literário preocupa-se, constantemente, em aprofundar-se em todos os detalhes possíveis. “Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de

longa duração” (PENA, 2006, p. 14). Para Castro, essa realidade é apresentada conforme a visão do repórter sobre determinado fato, pois é ele quem “seleciona e associa dados e imagens ao ponto de poder transformar a realidade ou condicionar o próprio leitor” (CASTRO, 2002, p. 81).

Ao referir-se à quarta ponta da estrela, Pena (2006) aconselha exercitar a cidadania. O jornalista deve ser empático ao escrever uma matéria, ajudando o cidadão a refletir acerca do assunto. “Quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” (PENA, 2006, p. 14).

Para objetivar as reportagens, jornalistas americanos inventaram, no início do século passado, uma estratégia narrativa que, logo no primeiro parágrafo, busca a resposta às seis perguntas: Quem? O que? Como? Onde? Quando? e Por quê?. O resultado é o denominado *lead*. Com isso a imprensa tornou-se ágil, mas não menos subjetiva. Devido a isso, a quinta característica proposta por Pena (2006) é o rompimento com as correntes do *lead*, motivando o profissional a escrever narrativas criativas e desprender-se desse padrão.

A sexta ponta da estrela aconselha a evitar os definidores primários, que são sujeitos que ocupam cargos públicos ou funções específicas e sempre aparecem na imprensa, já que estão, na maioria das vezes, à disposição do jornalista. Como o jornalismo diário exige agilidade, os repórteres acomodam-se a esses profissionais que poderão os ajudar rapidamente. Mas, segundo Pena (2006), esse ciclo vicioso deve ser deixado de lado. “É preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vida que nunca foram abordados” (PENA, 2006, p. 15).

Por último, a sétima ponta trazida por Pena (2006) é a perenidade. Com isso, o autor defende que o jornalista deve entregar-se às histórias que escreve, envolvendo-se com todos os personagens:

Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação (PENA, 2006, p. 15).

Diante dos conceitos de autores mencionados até aqui, nota-se que o jornalismo e a literatura estão, sim, em sintonia, demonstrando ser esse tipo de texto algo de potencial consumo pela população se conseguir agregar elementos que ofereçam qualidade à narrativa.

Segundo Castro (2002), a narrativa ainda é uma das formas que desperta o interesse do leitor, “já que implica no conhecimento adequado da palavra, do sussurro de cada período, da andadura do texto” (CASTRO, 2002, p. 78).

Assim como afirma Silva (apud Castro, 2002), “falar nem sempre quer dizer alguma coisa. Dizer nem sempre exige uma fala. O jornalismo encontra-se com a literatura quando toma consciência da carne e do silêncio das palavras” (SILVA apud CASTRO, 2002, p. 47). Essa é, sem dúvida, a essência do jornalismo literário, que as faz caminharem sempre juntos.

Após esse breve resgate histórico e conceituação do jornalismo literário percebe-se o quanto ambos se mantêm sintonizados. É como o tempero que faltava para dar gosto às matérias cotidianas. Outra maneira de trabalhar assuntos de uma forma mais literária é através de livros-reportagem, conceito que será apresentado a seguir.

2.2 Livro-reportagem

Conversar, interpretar, filtrar e escrever. Muito além de elaborar notícias, o jornalista exerce papel fundamental na sociedade – e de muita responsabilidade. Quando há um grande assunto a ser discutido as equipes de redação mobilizam-se para buscar as principais informações. Kotscho (1995) diz que o que diferencia um jornal do outro é a abordagem do fato, já que as notícias, quando factuais, costumam se repetir. Mas o problema das redações brasileiras, principalmente o de jornais menores, é que pouca atenção é dispensada à pesquisa mais detalhada de pauta devido à correria do dia a dia. Uma saída para isso, apontada por Lima (2004), é a construção de livros-reportagem.

O livro-reportagem transcende as concepções norteadoras do jornalismo atual. Tem potencial para assumir posturas experimentais. Tem pique suficiente, se trabalhado de forma adequada, para fazer nascer a vanguarda de um jornalismo realmente afinado com as tendências mais avançadas do conhecimento humano contemporâneo (LIMA, 1998, p. 16).

Além de estender o papel do jornalismo contemporâneo, Lima (1998) defende o livro-reportagem como uma forma de avançar para além daquilo que a imprensa convencional publica, possibilitando ampliar o conhecimento acerca de assuntos mais específicos. Ele conceitua livro-reportagem como:

Veículo de comunicação jornalística não-periódica, o livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo, bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas, emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante viagem pelo conhecimento da contemporaneidade (LIMA, 1998, p. 7).

Em contrapartida, Lage (2004) afirma que a construção de livros-reportagem só é possível com dedicação do repórter e apoio financeiro da empresa jornalística. E esse é um dos motivos que limitam os profissionais a trabalharem assuntos que escapam do jornalismo factual.

O jornalista é um sujeito que trabalha obedecendo às pautas e prazos; onde a pesquisa exige tempo e tem resultados incertos. Empresas jornalísticas frequentemente resistem à ideia de deslocar um profissional do trabalho rotineiro para um processo de investigação. Preocupação inicial de quem se lança a uma pesquisa mais extensa é, sem dúvida, como financiá-la (LAGE, 2004, p. 135-136).

Outro autor que compara a prática de dentro das redações é Sodré (1986), afirmando que reportagens traduzem, de forma detalhada, aquilo que não é mostrado nas notícias veiculadas diariamente.

É a reportagem – onde se contam, se narram as peripécias da atualidade – um gênero jornalístico privilegiado. Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é mesmo, a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa (SODRÉ, 1986, p. 9).

De acordo com Lima (2004), o livro-reportagem cumpre um papel relevante, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários de televisão. Para ele, há três distinções que tornam o livro-reportagem diferente das demais publicações. A primeira delas está relacionada ao conteúdo, já que o objeto de abordagem de que trata corresponde ao real, ao factual; em seguida, o autor refere-se ao tratamento da linguagem, atrelada à precisão, exatidão, clareza e concisão; e, por fim, o livro-reportagem pode servir a diferentes finalidades, com foco na narrativa extensiva (LIMA, 2004, p. 50). Essas finalidades a que se refere o autor possibilitam que o profissional desenvolva um

trabalho mais amplo e aprofundado, trazendo diversos cases, fontes, acontecimentos e informações.

Sodré (1986) diz que o livro-reportagem pode ser a simples compilação de textos já publicados em jornal ou o trabalho feito para livro, mas que seja concebido em termos jornalísticos. A partir disso, o autor também menciona que, no Brasil, o primeiro livro-reportagem escrito foi *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

Os Sertões, de Euclides da Cunha, certamente a principal obra jornalística da literatura em língua portuguesa. E como faz falta, na história brasileira, alguém que tenha, na época e com recursos adequados, mergulhado em episódios como a revolta dos Muckers, no Sul do Brasil, tão semelhante à de Canudos, ou, mais remotas, as batalhas que conduziram à liquidação de quilombos como o de Palmares (LAGE, 2004, p. 135).

Segundo Lima (2004), existem muitas variedades quanto a classificação e aos modelos de tratamento de livros-reportagem. O autor propõe, no total, treze estilos que envolvem alguns fatores importantes para a definição da linha temática e a narrativa de que trata a obra. O primeiro deles é o livro-reportagem-perfil, quando evidência o lado humano de alguma figura pública ou de uma personagem que, por algum motivo, torna-se de interesse. “No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão” (LIMA, 2004, p. 52). Este modelo também é conhecido como livro-reportagem-biografia, que é quando o jornalista enfatiza a vida, o passado e a carreira da pessoa em foco. Neste sentido, Kotscho (1995) define livro-reportagem perfil como:

Filão mais rico das matérias humanas, o perfil dá ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado – seja sobre um personagem, um prédio ou uma cidade. Para isso, é necessário que ele se municie previamente sobre o tema de que vai tratar: para ir fundo na vida de uma pessoa ou de um lugar, é preciso, antes de mais nada, conhecê-lo bem. Estas informações prévias podem ser conseguidas tanto no arquivo do jornal como com pessoas ligadas ao assunto (KOTSCHO, 1995, p. 42).

Em segundo, o autor traz o livro-reportagem-depoimento, que não precisa ser escrito pelo jornalista, necessariamente, mas por alguma pessoa ligada ao personagem, ou até ele

próprio, com assistência de alguém que possa elaborá-lo. “O tom é passar ao leitor uma narrativa quente, com bastante clima de bastidores, movimentada” (LIMA, 2004, p. 52).

A terceira conceituação é do livro-reportagem-retrato, parecido com o livro-perfil, mas não possui como foco principal a figura humana e, sim, “uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato em questão” (LIMA, 2004, p. 53). Esse, no entanto, é marcado pelo interesse em prestar serviço educativo ou explicativo ao leitor.

A quarta temática refere-se ao livro-reportagem-ciência, com o objetivo de divulgar um estudo científico, focando em um tema específico - crítico ou reflexivo. Após isso, Lima (2004) traz livro-reportagem-ambiente, normalmente vinculado às causas ecológicas e interesses ambientalistas.

A sexta definição conceitua o livro-reportagem-história, um modelo que focaliza em um assunto passado ou antigo. São temas que têm, de alguma forma, um elemento que o conecta com o presente e possibilita um elo com o leitor atual, apesar de terem acontecido há alguns anos. O próximo e sétimo conceito refere-se ao livro-reportagem-nova consciência, voltado às novas correntes, ao comportamento, ao social, à cultura, a religião e à economia, que “surtem em várias partes do mundo, resultantes de duas ebulições significativas do mundo ocidental dos anos 60. Um foi a contracultura, a outra foi o conjunto de movimentos de aproximação à cultura e civilização do Oriente Médio e do continente asiático” (LIMA, 2004, p. 55).

Ainda, outra definição defendida por Lima (2004) vincula-se ao livro-reportagem-instantâneo, quando a abordagem se debruça sobre um fato recém concluído, possibilitando a identificação dos contornos finais. “Atém-se basicamente ao fato nuclear, mas pode inserir algo de sua amplitude, de seus desdobramentos no futuro” (LIMA, 2004, p. 56). O livro-reportagem-atualidade também aborda um tema corriqueiro, mas, ao contrário do instantâneo, os desdobramentos finais ainda não são conhecidos. Assim, o leitor poderá resgatar as origens do que ocorre, compreendê-las e buscar os possíveis desfechos futuros.

O décimo modelo citado pelo autor é o livro-reportagem-antologia, que reúne várias reportagens com diferentes temas, de um profissional conhecido do público. “Podem ser os trabalhos, de diferentes jornalistas, sobre os mais diversos temas, mas que têm em comum um gênero jornalístico ou uma categoria de prática do jornalismo” (LIMA, 2004, p. 57).

Depois desse, Lima (2004) traz o conceito de livro-reportagem-denúncia, referindo-se ao propósito investigativo e cita, como exemplo, desmandos do governo, abusos de entidades privadas ou incorreções de segmentos da sociedade. Sobre esse tema, Kotscho (1995) traz a seguinte explicação:

A reportagem investigativa pode ser *fria*, quer dizer, sobre um assunto não urgente, sem prazo para ser concluída e que exige um levantamento nacional, envolvendo toda a rede de sucursais e correspondentes. Ou, ao contrário, tem que ser feita no mesmo dia em que o jornal recebe a informação grave para ser checada (KOTSCHO, 1995, p. 35).

A penúltima definição do autor enfatiza o livro-reportagem-ensaio, com o uso do foco narrativo na primeira pessoa no decorrer do livro. “O que vale dizer, a presença muito evidenciada do autor e de suas opiniões sobre o tema, conduzida de forma a convencer o leitor a compartilhar do ponto de vista do autor” (LIMA, 2004, p. 58).

O décimo terceiro estilo de livro-reportagem apresentado por Lima (2004) traz como fio condutor uma viagem a uma região específica, servindo de pretexto para retratar um quadro sociológico, histórico, humano e aspectos da realidade possível do local. Nesse sentido, autor destaca que “o conhecimento constrói-se, ao longo do livro, por via da ótima jornalística, alicerçada por recursos advindos de diversos campos do saber moderno” (LIMA, 2004, p. 59).

Outra técnica que corresponde aos livros-reportagem são os tipos de entrevistas. Esse tipo de texto possibilita esmiuçar um assunto com mais fôlego e necessita de uma apuração mais ampla, pois é mais intenso e mais extenso. Isso exige muito trabalho do profissional, entendimento do assunto e, claro, empatia com os entrevistados para retirar aquilo que agregará à reportagem. Lage (2004) ressalta que este é um procedimento clássico de apuração de informações. Para tanto, define como:

a) Qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo; b) uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público; c) a matéria publicada com as informações colhidas em (b) (LAGE, 2004, p. 73).

Com isso, Lage (2004) aponta que as formas de entrevistas podem ser classificadas em quatro tipos. A primeira delas chama-se ritual, também conhecida como breve. Neste caso, o foco principal centra-se na voz e na figura do entrevistado e não no que ele tem a dizer:

As declarações ou são irrelevantes, ou esperadas, ou ainda mera formalidade a que, por algum motivo, se atribui dimensão simbólica. O mundo oficial é rico em situações rituais: interessam, aí, o ambiente, o clima, a encenação, cuidadosamente programados para compor o documento histórico (LAGE, 2004, p. 74).

O segundo tipo classificado pelo autor denomina-se temático, que é quando um tema é abordado visando que o entrevistado tenha condições e autoridade para falar sobre. Pode-se dizer que o mesmo ajudará a compreender um problema a partir de seu ponto de vista com argumento de alguém que entenda do assunto (LAGE, 2004).

Ainda, o próximo tipo de entrevista é definido como testemunhal. Lage (2004) descreve como um relato do entrevistado sobre um fato que ele participou ou acompanhou. Assim como a entrevista temática, essa também aborda um ponto de vista, mas particular de cada entrevistado. "Em geral, esse tipo de depoimento não se limita a episódios em que o entrevistado se envolveu diretamente, mas inclui informações a que teve acesso e impressões subjetivas" (LAGE, 2004, p. 75).

Por último, Lage (2004) conceitua a entrevista em profundidade. Esta, no entanto, objetiva construir uma história a partir do depoimento do entrevistado. Ou seja, algo que esteja relacionado "a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida" (LAGE, 2004, p. 75). Para Lima (2004), este tipo de entrevista relaciona-se com entrevistas voltadas a histórias de vida, a mais presente em livros-reportagem. Essa forma pode ser observada em trechos específicos de diferentes obras, com aspectos mais humanizados. "Normalmente, o livro-reportagem vale-se do recurso entre tantos outros distribuídos ao longo de suas páginas, o que torna difícil encontrar títulos que sejam, integralmente, entendidos como histórias de vida" (LIMA, 2004, p. 115).

Após a apresentação dos conceitos voltados à classificação dos livros-reportagem e técnicas de entrevista, Kotscho (1995) afirma que os fatos ocorridos diariamente são a inspiração para a construção de livros-reportagem. O olhar atento do repórter aos pequenos detalhes faz render boas histórias. "Pode-se fazer uma reportagem de mil maneiras diferentes, dependendo da cabeça e do coração de quem escreve" (KOTSCHO, 1995, p. 8).

Apesar de os livros-reportagem possibilitarem um trabalho mais amplo e detalhado ao profissional, é importante ressaltar que não é todo assunto que rende uma reportagem e, por consequência, um livro-reportagem. Entretanto, com boa vontade e talento, além de entrevistas bem elaboradas, é possível construir narrativas envolventes e potencialmente mais elaboradas que os textos de jornalismo *Hard News*, que são tão comuns na imprensa atualmente, nas mais diversas mídias. Apesar de mais trabalhoso, jornalismo literário e livros-reportagem são, hoje, as formas que motivam o jornalista a fugir das redações e desenvolver um trabalho criativo.

3. METODOLOGIA

Após o resgate da história do jornalismo literário e de sua presença em livros-reportagem, este capítulo apresentará o objeto de estudo deste trabalho, o livro-reportagem “Presos que Menstruam”, escrito pela jornalista Nana Queiroz. Além disso, trará, também, o conceito do tipo de análise aplicada neste estudo, a análise de conteúdo.

3.1 Apresentação do objeto

Lançado em julho de 2015 pela editora Record, o livro-reportagem “Presos que Menstruam” traz relatos do dia a dia de mulheres dentro das principais penitenciárias femininas do país, bem como de episódios que as levarem até lá. Escrito pela jornalista Nana Queiroz, a obra é dividida em sete capítulos, denominados “Safira”, “Gardênia”, “Júlia”, “Vera”, “Camila”, “Glicéria” e “Marcela”, e possui, no total, 294 páginas.

A autora, aos 30 anos de idade, carrega consigo uma trajetória ligada à defesa dos direitos das mulheres. Bacharel em jornalismo pela Universidade de São Paulo e especialista em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília, Nana trabalhou nas revistas *Época*, *Galileu*, *Criativa* e *Veja*, além dos jornais *Correio Braziliense* e *Metro*. No ativismo, atuou como media campaigner da rede *Avaaz*. Em 2014, tornou-se ainda mais conhecida pela criação do protesto online *#EuNãoMereçoSerEstuprada*, contra a culpabilização das vítimas de estupro, repercutido internacionalmente. Nesse mesmo ano, entrou nas listas de mulheres mais destacadas do *UOL*, *Brasil Post* e do *Think Tank Feminista Think Olga*. E não para por aí. A jornalista é, atualmente, roteirista do filme em produção baseado no livro-reportagem em estudo e diretora executiva da Revista digital *Azmina**.

Em 2010, Nana iniciou a apuração dos fatos para a produção do livro. Para isso, visitou mais de dez cadeias femininas em todas as regiões do país e entrevistou mais de cem pessoas, entre presas, familiares e especialistas. Manusear as páginas de “Presos que Menstruam” é entrar em uma leitura sensível, mas não indulgente. De forma humanizada, nele, a autora ouviu e deu voz àquelas que nós, enquanto sociedade, evitamos falar. A sensibilidade no olhar foi essencial para a elaboração deste livro-reportagem. A falta de materiais que apresentassem essa realidade às pessoas foi uma de suas motivações:

*Disponível em: <http://azmina.com.br/author/nana.queiroz>

As prateleiras das bibliotecas se calavam sobre as prisões femininas brasileiras. O cinema e a TV fingiam que elas nem existiam, a não ser para dar fim a uma ou outra vilã de novela ou uma trama de superação a uma mocinha injustiçada. Os jornais pouco falavam sobre o assunto e as reportagens que encontrei apenas tocavam a superfície de determinados problemas (QUEIROZ, 2015, p. 17).

A presença de bebês nas prisões, a falta de auxílio para cuidá-los, as torturas físicas e psicológicas e as celas despreparadas para atender as necessidades fisiológicas são alguns dos dramas vividos pelas mulheres dentro das cadeias do país. Em entrevista ao Blog da Editora Record – responsável pela publicação - Nana comenta desde o primeiro passo à finalização do livro:

A apuração começou em 2010 e segui com ela durante os 4 anos seguintes. O assunto me fascinava e a realidade dos presídios merecia uma denúncia urgente. De São Paulo, passei a migrar para presídios de outros estados, pagando as viagens por conta própria, usando feriados e férias, conhecendo pessoas, me infiltrando entre parentes de presas, me oferecendo a trabalhos. O acesso ao sistema carcerário no Brasil é muito difícil e o governo faz o que pode para manter suas violações de direitos humanos longe dos olhos do público. Mas eu estava decidida e insistia em cada visita por meses se fosse necessário. Para denunciar os abusos que via, criei um blog. [...] Quando a editora topou publicá-lo, a apuração estava praticamente completa, faltava apenas escrever e atualizar dados (LAMEGO, 2015).

Na obra, a autora optou por manter a gramática das cadeias e o idioma das periferias. Para ela, a informalidade e as gírias usadas pelas presas são informações que resgatam as origens e a personalidade de cada mulher, principalmente por serem de regiões diferentes (QUEIROZ, 2015). No entanto, a característica principal de “Presos que Menstruam” é o texto literário. Apesar de ser um assunto “pesado”, Nana coloca-se no lugar de cada personagem e mantém uma relação próxima, de empatia. “É pelas gestantes, os bebês nascidos no chão das cadeias e as lésbicas que não podem receber visitas de suas esposas e filhos que temos que lembrar que alguns desses presos, sim, menstruam” (QUEIROZ, 2015, p. 19).

Para entender como a autora conseguiu fazer esta abordagem, esta análise pretende estudar as características do jornalismo literário em sete histórias relatadas na obra, que serão apresentadas a seguir.

3.2 Metodologia de pesquisa

Neste trabalho, a metodologia utilizada é uma análise de conteúdo. Como recorte, estudaremos sete histórias do livro-reportagem “Presos que Menstruam”, escritas com muita sensibilidade e empatia pela jornalista Nana Queiroz. “Leite, fraldas e potes de açúcar”, “Gardênia”, “Júlia gosta do tipo errado”, “Maria-joão”, “Joe”, “Encantados” e “Ser lésbica x estar lésbica na cadeia” são as histórias eleitas e representam o primeiro relato de cada um dos sete capítulos do livro, nomeados como “Safira”, “Gardênia”, “Júlia”, “Vera”, “Camila”, “Glicéria” e “Marcela”. Essa escolha deu-se pelo fato de que a autora conta, primeiramente, em cada começo de capítulo, o relato da vida de sete mulheres eleitas por ela para constarem no livro.

Os textos serão analisados a partir do conceito Estrela de Sete Pontas, criado por Felipe Pena (2006). Nessa definição, o autor traz sete características essenciais presentes nos textos de jornalismo literário, que formam um conjunto harmônico e sincronizado. Esta análise, então, pretende identificar essas características presentes em cada texto da amostragem, como e quais foram utilizadas.

Mas o que é análise de conteúdo? Primeiramente faz-se necessário entender a técnica utilizada neste trabalho. De acordo com Bardin (2012), é um conjunto de instrumentos metodológicos aplicados em discursos. Ou seja, esta forma possibilita investigar conteúdos e aprofundar-se nos mínimos detalhes para que, assim, a análise dê resultados. “A análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não dito)” (BARDIN, 2012, p. 15).

Neste sentido, Herscovitz (2007) explica que a combinação das formas de análise, a quantitativa e a qualitativa, são um método eficiente e buscam avaliar um grande número de informações, como palavras, frases, parágrafos, imagens ou sons, e ajudam a entender quem produz determinado conteúdo e o público para qual ele é dirigido. Segundo a autora, se ambos forem usados em uma mesma análise, melhor será o estudo. “Ao tentar determinar e interpretar o possível significado de um texto para o público, a análise de conteúdo não pode perder-se em incompatibilidades metodológicas e sim reunir as duas visões para confirmar seus resultados” (HERSCOVITZ, 2007, p. 126).

Bardin (2012) também defende que a análise de conteúdo é uma mistura de diversos fatores que resultam em uma interpretação profunda. “Uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações

tem por finalidade a interpretação dessas mesmas comunicações” (BARDIN apud BERELSON, 2012, p. 42).

Para Herscovitz (2007), análise de conteúdo é, no jornalismo, a forma mais atrativa para render bons resultados. Com isso, a autora afirma:

A identificação sistemática de tendências e representações obtém melhores resultados quando emprega ao mesmo tempo a análise quantitativa (contagem de frequências do conteúdo manifesto) e a análise qualitativa (avaliação do conteúdo latente a partir do sentido geral dos textos, do contexto onde aparece, dos meios que o veiculam e/ou dos públicos os quais se destina (HERSCOVITZ, 2007, p. 126-127).

Entende-se, então, que análise de conteúdo é um método que busca analisar quantitativamente e, depois, qualitativamente. Se bem elaborado, o resultado disso será claro, objetivo e compreensível. Este trabalho vai utilizar ambos os métodos para, assim, possibilitar um entendimento melhor da obra Presos que Menstruam.

4. ANÁLISE

Para cumprir com o objetivo proposto nesta pesquisa, de estudar a presença do jornalismo literário em livros-reportagem, serão analisadas sete histórias do livro-reportagem *Presos que Menstruam*, da jornalista Nana Queiroz. Em cada uma delas serão identificadas as sete características presentes no texto literário a partir do conceito Estrela de Sete Pontas, de Felipe Pena (2006). Após isso, serão identificados quais dos elementos característicos do jornalismo literário estão mais presentes em cada texto, podendo, assim, identificar se a obra se enquadra ou não em jornalismo literário.

4.1 Análise do capítulo 1 – Safira: Leite, fraldas e potes de açúcar

“Leite, fraldas e potes de açúcar” é a primeira história do capítulo denominado Safira, do livro-reportagem *Presos que Menstruam*. Com nove páginas, o texto não segue uma ordem cronológica dos fatos. Nele, a jornalista relata a vida de Safira, uma mulher que, após ser abandonada pela família, ser traída pelo marido e por falta de ter o que dar de comer aos seus filhos, cometeu um assalto e foi presa.

Pode-se afirmar, então, a primeira característica de Pena (2006), que é a potencialização dos recursos do jornalismo. Assim como o jornalista faz para escrever uma matéria factual, com a apuração rigorosa dos fatos e a capacidade de expressá-los claramente, nota-se que a autora, a partir da terceira página do livro, começa a contar a história de Safira, seguindo uma ordem que vai desde a infância à fase adulta da personagem. A forma como ela narra os fatos possibilita o entendimento. Os parágrafos abaixo descrevem isso:

Durante toda sua vida, Safira sempre teve uma personalidade dura, incansável, até mesmo um espírito de liderança meio destrutivo. Nasceu em uma favela de Guarulhos, na Grande São Paulo e, quando era ainda muito pequena, ela, a mãe e a irmã foram abandonadas pelo pai. A mãe se casou de novo com um homem de origem simples e teve mais quatro filhos. Safira conheceu o pai biológico aos 13 anos. A relação foi fria e um novo encontro ocorreu quase um ano mais tarde, aos 14, mesma idade com quem conheceu Josiel, o pai de seus filhos (QUEIROZ, 2015, p. 23).

A pobreza fez com que a cabeça amadurecesse tão logo as curvas tomaram forma. Começou a trabalhar desde quando pôde, ajudando nas tarefas de casa, inicialmente, depois em pequenos trabalhos informais, até atingir a idade correta para tirar carteira de trabalho. Safira sempre sentiu certa responsabilidade pelos irmãos mais novos e

não conseguia imaginar-se chegando em casa para comer sem ter pagado, ao menos em parte, a refeição (QUEIROZ, 2015, p. 23).

Apanhava e sofria humilhação da mãe e do padrasto, que eram pessoas massacradas pelo peso de suas vidas. Guardava essas desavenças em uma caixinha à qual dava pouca importância e pegava pó no canto de sua memória. No tempo que sobrava entre as surras, o trabalho e os serviços domésticos, sonhava com amores e carinhos. Era o tipo de garota que passava as tardes de domingo lavando a louça ao som de fitas gravadas em casa com músicas românticas que tocavam nas rádios (QUEIROZ, 2015, p. 24).

Verificou-se, também, que a autora ultrapassa os limites do cotidiano, a segunda característica da Estrela de Sete Pontas. Além de não ser um fato cotidiano, que aparece nos jornais como uma notícia qualquer, a autora conseguiu abordar o relato e apresentá-lo claramente ao leitor, permanecendo atenta a todos os detalhes e, assim como sugere Pena (2006), fazer com que as pessoas desejem consumi-los. Nos primeiros parágrafos, a autora consegue fazer com que o leitor imagine o local descrito e se comova sem ao menos conhecer, a fundo, a vida da personagem. Abaixo, os dois relatos que representam isso:

Despejou o leite devagarinho no copo de café, curtindo cada gota que caía com aquela satisfação que as pessoas sentem quando veem o mar pela primeira vez, conhecem o amor de suas vidas ou descobrem que se curaram de uma doença grave. Depois de quase seis anos, era a primeira vez que Safira podia fazer o café da manhã dos dois filhos – um de seus desejos imediatos na sua primeira saída do presídio no regime semiaberto (QUEIROZ, 2015, p. 21).

A frase caiu sobre ela com o peso dos anos perdidos. Em sete anos de prisão, chegara a ficar três sem vê-los. Perdeu o primeiro dia de aula, a primeira vez que andaram de bicicleta e o mais velho, de 13 anos, já tinha até uma namorada (QUEIROZ, 2015, p. 21).

Exercer a cidadania é a terceira característica proposta por Pena (2006). A história de Safira é um exemplo que se enquadra nesta característica, pois, ao escolher a personagem, a autora colocou-se em seu lugar e contou cada detalhe de sua história, sensibilizando-se. Nos trechos a seguir isso pode ser observado:

Entre tantas imagens fortes de tortura, privações e dias na solitária, é essa a cena com a qual Safira resolve começar a sua história. Enquanto fala, os olhos grandes e espertos me fitam com firmeza e sem vergonha alguma, apesar de ser o nosso primeiro encontro. Ela não estava constrangida, não precisava se acostumar comigo como as outras – era simplesmente confortável em ser e se deixar ver (QUEIROZ, 2015, p. 22).

A voz baixa vai ficando mais empolgada conforme o relato segue, mas continua se referindo a mim sempre como “senhora”. Seu corpo internalizou a obediência, os olhos não. E eles me olham fundo, insolentes, me encarando, me despindo, como se ela tivesse a certeza de que se submetia por vontade própria e não porque era de alguma maneira inferior. [...] Quando se apresentou a mim, disse logo que devia chamá-la de Safira, seu nome de presa (QUEIROZ, 2015, p. 22).

Proporcionar uma visão ampla da realidade é a quarta característica proposta por Pena (2006), e ela é visível a partir do momento que a autora contextualiza a realidade na qual Safira estava inserida, com problemas sociais arraigados e de difícil solução, mostrando que a saída da personagem foi roubar para sobreviver.

Quinze dias depois dessa rotina, ela chegou em casa cansada e, com fome, foi abrir os armários para cozinhar algo. Estavam vazios. As fraldas haviam acabado, o leite também. Ela ia buscar seu bebê em minutos na casa da irmã. Imaginou o choro de fome dele. Ficou nervosa, começou a tremer (QUEIROZ, 2015, p. 28).

Outro exemplo claro disso aparece quando Safira se entrega a Josiel, motivo pelo qual mais tarde seria despejada de casa. “Se lhe dava atenção e carinho, concluiu, é porque não era violento como o padrasto. Se estava ao seu lado, é por que nunca a abandonaria, como nas letras dos pagodes dos anos 1990. Entregou-se a ele” (QUEIROZ, 2015, p. 24). Nessa realidade, apesar de dura, a jornalista conseguiu romantizá-la, mesmo sabendo de tudo que Safira viveu e viveria a partir dali.

Além dessas características definidas por Pena (2006) até aqui, o autor ainda propõe o rompimento com as correntes do lead. As perguntas “Quem? O que? Como? Onde? Quando? e Por quê?”, normalmente respondidas no primeiro parágrafo de uma matéria, objetivam os textos e os deixam padronizados. Na história de Safira, a autora abandona quase que completamente esta fórmula, pois, aos poucos, conta a história da personagem, sem seguir essa “ordem de apresentação”. Sem objetividade, ela consegue fazer com que o leitor entenda todos os fatos. Isso pode ser compreendido no parágrafo a seguir, ao fim da história:

Nascera e crescerá na favela e nunca tinha feito nada de errado. Conhecia, sabia, mas nunca tinha feito. E aonde a honestidade a havia levado? Sentiu raiva, um embrulho no estômago e um frio na espinha.

Saiu de casa decidida. Passou no barraco do Valdemar antes de buscar o filho. Quando manifestou suas intenções, outro rapaz que estava no lugar protestou:

- Não, ela não – e se voltou para Safira, em um apelo. Você não precisa disso, você sempre batalhou desde novinha, desde criança (QUEIROZ, 2015, p. 28).

Outro ponto a ser destacado nesta análise – bastante presente em todo o livro - é que a jornalista evitou definidores primários, mais uma característica da Estrela de Sete Pontas. Segundo Pena (2006), “é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vida que nunca foram abordados” (PENA, 2006, p. 15). Esse é um dos aspectos mais presentes em todas as histórias, justamente por ouvir o relato de mulheres que foram presas. A própria autora lembra que este é um público pouco ouvido e que nós, enquanto sociedade, evitamos falar de mulheres encarceradas (QUEIROZ, 2015). Na história de Safira, nota-se um fato comum àquilo que afeta a vida de muitas mulheres: a violência doméstica. No trecho citado abaixo, é notável que a forma de machucar – fisicamente e psicologicamente – é a mesma. Mas há uma diferença: mulheres presas quase não são ouvidas e, muitas vezes, não têm tempo de denunciar seus agressores.

A realidade violentou suas expectativas e sua inocência. Safira acabou procurando exatamente o tipo de homem que reproduzia o lar no qual ela tinha crescido. Na primeira vez em que ele a acertou com tapa na cara, três meses após a mudança, Safira era ainda uma menina. Como menina, perdoou, e como mulher, insistiu na relação. Relevou as traições, as bebedeiras, as pancadas, os sumiços, as humilhações. Refugiava-se na infância para reconstruir o conto de fadas. Apoiava-se na força de mulher para resistir à violência. Ia e vinha entre os dois lados de si mesma (QUEIROZ, 2015, p. 25).

Com Pedro no colo, 18 anos recém-completados, sem emprego, Safira entrou em colapso emocional. Foi acolhida por uma amiga, depois outra, de casa em casa, emprego em emprego. [...] Não sabia até hoje se foi esperança ou desespero que a fez bater na porta do ex-marido.
- Tudo vai mudar, Josiel. Vamos juntos à igreja, vamos se aproximar em Deus, vamos reconstruir aquele amor (QUEIROZ, 2015, p. 26).

A última característica refere-se à perenidade, ou seja, assim como afirma Pena (2006), “diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência” (PENA, 2006). Na história de Safira atingiu-se esse objetivo. Não se sabe exatamente a data em que foi escrita, pois a apuração foi entre os anos de 2010 e 2015, mas a leitura se mantém atual. A maioria das mulheres encarceradas passaram por situações parecidas; é uma realidade parecia com a de muitas pessoas. “Deu uma arma para Safira. Ela respirou fundo, pensou no leite e foi assaltar” (QUEIROZ, 2015, p. 29) é a frase que finaliza o último parágrafo da primeira parte desta história. A autora deixa um

suspense no ar, para que o leitor imagine o que aconteceria depois dali. Isso deixa bem claro que esta reportagem não cairá no esquecimento.

4.2 Análise do capítulo 2 – Gardênia

“Gardênia” é a primeira história do segundo capítulo de *Presos que Menstruam*, também denominado *Gardênia*. Com quatro páginas, o texto não segue uma ordem cronológica, pois conta como a personagem foi presa e traz apenas um breve histórico de sua vida.

A primeira característica de Pena (2006), que é potencializar os recursos do jornalismo, pode ser encontrada em vários trechos, apesar de a história não ser muito longa. A jornalista mostrou-se atenta aos mínimos detalhes e apurou demonstra no texto um processo produtivo de apuração de fatos:

Subiu correndo a viela até dar de cara com o muro que indicava que não tinha mais saída. Burra! Tantos anos trabalhando nessas ruelas e ainda não tinha os caminhos de cor. O som estava mais alto e foi se intensificando, até que ela pôde ouvir passos. “Que vou fazer com essa porra dessa droga?” O policial chegou e, num gesto instintivo, ela tacou a droga de longe (triste, valia tanto!), por cima do muro. O guarda, em ato reflexo, mirou a arma na cabeça dela (QUEIROZ, 2015, p. 32).

No trecho citado acima, percebe-se que a autora, ao explicar o motivo pelo qual Gardênia havia sido presa, reconstrói a cena com riqueza de detalhes. O que chama a atenção, no entanto, é que esse é o parágrafo que introduz a história, fazendo com que o leitor imagine a cena, mesmo sem ainda conhecer a personagem.

A segunda característica de Pena (2006) recomenda ultrapassar o limite do dia a dia, do factual. Porém, nesse texto, apesar de o assunto ser comum, que é o tráfico de drogas, a autora consegue contatá-lo de uma forma diferente, e usa o diálogo entre a personagem e um policial para possibilitar a compreensão:

O policial não a levava para a delegacia. O que queria? Alguns minutos depois, para a surpresa dela, apareceu um advogado, que nunca havia visto antes, com um plano de defesa um tanto peculiar:
- Quanto você quer para soltar ela?
- Três mil deve fechar.

O acerto foi feito e o policial ficou de voltar para receber o seu mais tarde (QUEIROZ, 2015, p. 32).

Em todo o relato nota-se que a autora proporciona uma visão ampla da realidade. Primeiro porque detalha a forma como Gardênia foi presa, principalmente no momento em que foi pega com drogas; segundo, pelo fato de abordar, mesmo que nas entrelinhas, a corrupção envolvendo a polícia e o tráfico de drogas, bastante presente nas favelas e periferias brasileiras. No trecho abaixo isso é bastante visível:

Eu corria porque ele queria me matar que eu não paguei ele. Eu só vivia se escondendo dele, cortei o cabelo, mudei a cor, o visual. E ele falava pra todo mundo que se catasse eu, ia me matar. Não ia ter cadeia pra mim. Aí eu consegui dar perdido nele e, Graças a Deus, tô viva (QUEIROZ, 2015, p. 32).

A quarta característica, segundo Pena (2006), é que o jornalista exerça a cidadania e coloque-se no lugar de seus personagens, sendo empáticos. Gardênia aparentava ser durona e, ao perceber, Nana conseguiu descobrir o outro lado da personagem, que muitos ainda não conheciam e por isso a julgavam. Gardênia era, na verdade, uma pessoa sofrida, batalhadora e sensível. Ao ser empática, a autora pôde conhecer este outro lado:

Gardênia era ignorante, mas esperta. Era artilosa, adaptável e um pouco louca – o que é uma qualidade indubitavelmente proveitosa no mundo do crime. Dava gargalhadas sem sentido que faziam a vida ficar menos dura e já não tinha muito claro na cabeça de que delitos era culpada e de quais a haviam abusado injustamente (QUEIROZ, 2015, p. 32).

Os dentes eram judiados, a pele, marca por anos que não vivera. Se não tinham culpa da loucura, ao menos as drogas não haviam colaborado com a conservação do seu corpo mirrado (QUEIROZ, 2015, p. 33).

Gardênia, em resumo, era um caos. Caos mesmo neste sentido mitológico, uma desorganização sem passado claro nem presente que pareça interessar. E com capacidade de abarcar em si toda a ira dos titãs (QUEIROZ, 2015, p. 33).

Para serem objetivos, os jornalistas estruturam suas matérias factuais a partir do *lead*, muitas vezes por não terem tempo de desenvolver um texto mais detalhado. No relato de

Gardênia, a autora abandona completamente esse padrão e abusa da criatividade. Isso pode ser notado no decorrer do texto, já que ela faz com que o leitor fique curioso para saber como se desencadeará a história. “Em algum momento da vida, casou-se com o pai de um (ou dois) de seus filhos” (QUEIROZ, 2015, p. 33) é um exemplo que não traz o tempo, nem quem era o pai de seus filhos, mas, mesmo assim, é possível situar-se na história. Abaixo, isso pode ser claramente observado:

- Ele era traficante, mas não era besta. Dinheiro não é flagrante, droga é. Assinei um doze com ele [artigo 12 da Lei 6.396, que classifica o crime de tráfico de entorpecentes] e fomos soltos. Na segunda vez, foi um dezesseis [vício] para não assinar um doze de novo, fui solta também (QUEIROZ, 2015, p. 33).

Ficou encantada com a hipótese de ter um aparelho gravando sua fala e me disse que “seria uma maravilha ter um desses para ver que raios eu digo quando estou dormindo”. E gargalhou. Gargalhou o tempo inteiro enquanto conversávamos, mesmo enquanto contava coisas tristes de me amarrar o estômago. É que, uma vez, Gardênia estava grávida quando foi presa (QUEIROZ, 2015, p. 34).

Outra característica defendida por Pena (2006) é que o jornalista, ao escrever um texto literário, deve evitar definidores primários. Ou seja, há algumas pessoas que sempre estão à disposição para falar sobre quaisquer assuntos, facilitando o dia a dia do profissional. O que Nana fez nesta história foi ouvir quem jamais imaginaria que teria a oportunidade de contar sobre sua vida a alguém. No jornalismo diário é difícil ver essas pessoas. Gardênia, no noticiário, era só mais uma mulher presa por tráfico; no livro é destacada sua personalidade, que ninguém conhecia:

Uma vez liberta, voltava a traficar. Era o que sabia fazer. Nunca perguntei se ela tentou fazer outra coisa da vida, pois acho que interpretaria a pergunta como de mau gosto. Na cadeia, mostrava que tinha desenvolvido outras habilidades. Era uma faxineira caprichosa e podia fazer as unhas de outras detentas bem o suficiente para, eventualmente, conquistar algumas guardas da clientela (QUEIROZ, 2015, p. 33).

Por tratar-se de um relato, a sétima (e última) característica de Pena (2006) defende que o texto literário deve ter perenidade. Esse objetivo foi cumprido na história de Gardênia, pois, se for lido daqui cinco ou dez anos, o leitor poderá entendê-lo e discuti-lo sem perder-se temporalmente.

4.3 Análise do capítulo 3 – Júlia: Júlia gosta do tipo errado

“Júlia gosta do tipo errado” é a primeira história do terceiro capítulo de Presos que Menstruam, denominado Júlia. Com oito páginas, o texto, ao contrário dos já analisados até aqui, segue uma ordem cronológica dos fatos. A jovem, após namorar com um suposto traficante, foi presa por ter sido acusada de participar de um sequestro. Assim como já diz no título, a personagem – sem querer e coincidentemente - se apaixona por homens envolvidos com tráfico, roubo ou assaltos. Além disso, a história chama atenção pelo fato de Júlia ser acadêmica do curso de Direito, por cumprir pena em regime semiaberto.

Ao observar a primeira característica do conceito Estrela de Sete Pontas, de Pena (2006), presente no texto, que é potencializar os recursos do jornalismo, percebe-se, logo no início, o quanto a autora preocupou-se em destacar os mínimos detalhes contados por Júlia. Exemplo disso será visto nos trechos a seguir, quando a personagem relata o seu “azar” ao apaixonar-se sempre por homens errados, sendo detalhados pela autora:

Parecia que era destino, que não dava para fugir. Desde a adolescência, Júlia sempre havia se interessado pelo tipo errado. Aconteceu pela primeira vez aos 15. Lauro apareceu no bar do pai dela em uma tarde qualquer e, assim que a menina colocou os olhos naquele homem nada atraente e dezessete anos mais velho, se apaixonou (QUEIROZ, 2015, p. 36).

Olhou para o amado. Tinha “perebas” na cara, faltavam dois dentes na boca. Estava segurando as calças com a mão porque, naquela penitenciária, eram proibidos os cintos. Era o homem mais horrível do mundo, mas ela era apaixonada por ele. Olhava pra ele e o mundo mudava. Disse que tinha certeza, claro. E ele retrucou que ela era louca, quis colocá-la em seu devido lugar. Não funcionou (QUEIROZ, 2015, p. 36).

Nos trechos acima, percebe-se que Nana traz detalhes que, se não fossem olhados atentamente, tirariam um pouco do interesse da história. A autora descreve as características de todos os personagens que aparecem e os locais onde os fatos ocorriam, fazendo com que o leitor consiga imaginar e colocar-se em determinados espaços.

A segunda característica de um texto literário, para Pena (2006), é ultrapassar os limites do cotidiano. Nessa história, Nana poderia muito bem ter falado apenas sobre o sequestro e seus motivos. Mas não. A autora conseguiu sair do factual e absorver aquilo que atrairia o leitor para consumir os fatos, que, neste caso, seria o amor de Júlia pelos homens que a levariam para outros caminhos, envolvendo-a em encrencas.

A dor da perda foi calando no coração e a rotina a entediava. Não procurou por Luiz, mas esperava por ele em segredo. Era sequestrador, traficante e amoral. Vislumbrou aquela vida juntos, de rejeitar as regras, estar acima das normas. Não sabe se caiu por ele por essa ideia. Em alguns meses, estavam morando juntos (QUEIROZ, 2015, p. 38).

Além disso, outro ponto a ser destacado é o fato de a moça ser estudante do curso de Direito da Universidade de Ibirapuera. Com isso, a autora conseguiu iniciar e finalizar a história, focando, também, na coincidência de Júlia ao atrair-se por homens “errados”:

Já nos primeiros dias de aula, Júlia reparou em um rapaz que sentava no fundo da sala. Era muito bonito e retribuía seus olhares descaradamente. “Nossa, acho que vou mandar tiro aqui, vai melhorar pra mim”, ela pensou. Quando procurou se informar mais sobre o rapaz, descobriu: ele era presidiário. No meio de 96 pessoas, ela encontrou um cara preso (QUEIROZ, 2015, p. 42).

O terceiro item do conceito do autor traz que o profissional deve proporcionar uma visão ampla da realidade. Se levarmos em conta a teoria construcionista preconiza que a realidade é uma interpretação daquilo que é visto a partir daquilo que o jornalista viveu ao longo da vida, a autora, ao contar a história de Júlia, foca na vida que a jovem tinha como estudante de Direito, mostrando que nesses espaços também há pessoas que se envolvem em crimes. No trecho abaixo é visível que seria apenas mais um dia na universidade, não fosse a abordagem da polícia em pleno horário de aula:

Era dia de prova de economia para os alunos de Direito da Universidade Ibirapuera. Droga! Júlia era péssima em economia. Teria que dar um “jeitinho”. Separou um resumo da matéria e foi com alguns colegas fazer cópias no xerox da faculdade. Talvez decorasse algo antes da prova, talvez escondesse a papelada debaixo da carteira sem ser percebida. Espera sua vez na fila, tentando absorver alguma coisa do assunto, quando alguém cutucou seu braço:
 - Júlia Oliveira? Quero conversar com você – disse a voz no seu ombro.
 - Agora não, depois.
 - Depois, é? É a polícia (QUEIROZ, 2015, p. 35).

Ao relatar a história da vida de Júlia, nota-se que Nana coloca-se em seu lugar. Empatia é umas das palavras que a descrevem. No decorrer do texto percebe-se o quanto as coisas aconteciam coincidentemente, e a jovem sofria por isso. A quarta característica defende que o jornalista deve exercer a cidadania. E isso, sem dúvida, está presente em todo texto. A autora

faz com que nós, leitores, tenhamos “pena” da jovem por ter uma série de acontecimentos que a levam parar atrás das grades. O trecho abaixo é representativo disso:

Foi enviada para a prisão temporária por trinta dias, antes de ser acusada como cúmplice de sequestro, responsável pela alimentação das vítimas em cativeiro. Dos trinta, apanhou uns 25, nem que fosse só um tapa (QUEIROZ, 2015, p. 40).

- Eles falam que, no crime, o cara não pode se entregar, mas se ele gostasse tanto de mim e achasse mesmo que eu não merecia aquilo, na hora ele podia ter fingido que deu uma bobeadada no carro, deixando o policial pegar ele pra tentar me tirar daquilo. Mas não, eu fui sozinha. Como sequestradora, como tudo. Ele apareceu só na audiência de acusação, acredita? (QUEIROZ, 2015, p. 41).

A próxima característica sugere abandonar as correntes do lead, para que o profissional motive sua criatividade ao escrever textos literários. Nota-se, então, que Nana se sente à vontade para escrever conforme interpreta o fato, sem precisar deixá-lo dentro de um “padrão” para ser objetivo. A autora conta a história de Júlia, mas, ao mesmo tempo, relata outros acontecimentos para dar uma “quebra” no texto. Isso pode ser percebido nos seguintes parágrafos:

Ficou em choque. O irmão estudava ali também e a mãe trabalhava na faxina – era por isso que tinha ganhado uma bolsa de estudos -, mas não conseguiu avisar nenhum dos dois que estava sendo levada. O sol já tinha se posto, eram 19h15, e o vento fresco da noite empurrou para trás os cachos que escondiam seu rosto, deixando-a exposta à mirada maldosa e curiosa dos outros estudantes. Que vergonha (QUEIROZ, 2015, p. 35).

Há alguns meses, Júlia voltou a estudar. Resolveu aproveitar a chance oferecida pelo regime semiaberto para desenferrujar o cérebro e se preparar para prestar vestibular assim que sair em liberdade. O seu cursinho é em um estabelecimento regular, fora do sistema prisional (QUEIROZ, 2015, p. 41).

Conforme a penúltima ponta sugerida por Pena (2006), evitar definidores primários, a personagem deste texto certamente não está na lista de fontes de um jornalista em uma redação de jornal. É uma história interessante, comovente e traz reflexões ao leitor, principalmente acerca dos fatos que, como já citado acima, coincidiram com a personagem. Talvez Júlia tenha sorte no azar, ou azar na sorte. “Mas é assim mesmo e isso que não consigo entender. Se colocar dez trabalhadores e um preso numa sala, o preso vai olhar pra mim e eu pra ele, é incrível”

(QUEIROZ, 2015, p. 41). Apesar de parecer irônico, Nana humaniza o fato e leva a reflexão ao leitor.

Por fim, a sétima característica da Estrela de Sete Pontas propõe que, mesmo com o passar dos anos, a história permaneça atual, podendo ser compreendida facilmente. Assim como as seis características anteriores, esse objetivo foi cumprido.

4.4 Análise do capítulo 4 – Vera: Maria-João

“Maria-João” é a primeira história do quarto capítulo denominado Vera. Nele, Nana conta fatos sobre a vida de Vera, a partir de dois temas principais: a homossexualidade e sequestros. A jovem, ao longo da vida, necessitou esconder sua atração por mulheres devido ao preconceito da família. Mas chegou a um ponto que cansou. Arriscou a vida em outra cidade, longe daqueles que poderiam julgá-la, e pôde, finalmente, se sentir livre. Com o passar dos anos, relacionou-se com um homem para realizar o sonho de ser mãe. Antes de ganhar o bebê, descobriu que havia sido traída e, para sobreviver, participou de vários sequestros. Num deles, foi presa.

Com oito páginas, o texto segue uma ordem cronológica dos fatos, pois fala, primeiramente, sobre a infância de Vera, alguns fatos vivenciados durante sua juventude e os motivos pelos quais foi presa. A primeira característica da Estrela de Sete Pontas, que é potencializar os recursos do jornalismo, foi encontrada em vários trechos, pois a autora apurou rigorosamente todos os fatos, dando ênfase a cada detalhe.

Quando rompeu seu primeiro romance, era jovem e ainda aberta a experimentações. Voltou aos bailes, como era de se esperar de garotas de sua idade, e passou a se relacionar com as pessoas que a noite pusesse em seu caminho. Certa vez, em uma festa, conheceu um homem, “já coroa, já”, com quem simpatizou. Ela gostava do papo do cara, da companhia, de como ele a fazia rir e apreciava seu senso de humor esperto; gostava daquela amizade que tinham (QUEIROZ, 2015, p. 44).

Nota-se, também, que Nana preocupou-se em falar sobre a infância da personagem, para “explicar” sua homossexualidade. Isso é observado nos seguintes parágrafos:

A menina era bicho do mato. Passava o dia jogando bola, matando passarinho de bodoca ou espingarda, trepando em árvore com a molecada. Queria roupa confortável

e desprezava laços e babados. Brincar de casinha? Só se ela fosse o papai. De médico? Só se o paciente fosse outra garotinha (QUEIROZ, 2015, p. 43).

O pai era um homem ríspido e tradicional do interior de São Paulo. Filha dele não ia namorar “errado” nem chegar grávida em casa. E se alguma experimentasse, ele cortava no facão – e ninguém nunca duvidou de que cortaria mesmo. A mãe era uma mulher suave, mas submissa. Quando os filhos aprontavam, não fazia nada para impedir que o marido os amarasse em uma tora ou móvel da casa para bater com o que estivesse à mão (QUEIROZ, 2015, p. 43).

Para Pena (2006), o jornalista deve ultrapassar os limites do cotidiano. Nos livros-reportagem, o profissional tem mais tempo de aprofundar-se em histórias e contá-las literariamente, sem preocupar-se com assuntos factuais ou em pauta na mídia. No relato de Vera essa é uma das características mais presentes, pois a autora consegue trabalhar com dois assuntos que, no jornalismo diário, não são tão explorados. Exemplos podem ser vistos nos trechos a seguir:

- Independente da minha opção sexual, eu queria ter um filho. E eu queria ter certinho, não aquela coisa de ir no médico e tal, eu queria *fazer*, mesmo que eu não sentisse nada, mas eu queria fazer. Aí foi quando eu decidi engravidar da minha filha. Fui no médico, fiz todo tipo de exame pra saber se eu não tinha problema nenhum (QUEIROZ, 2015, p. 45).

Vera, a irmã, o irmão e o cunhado passaram a fazer sequestros pequenos. O sucesso das empreitadas lhes deu confiança para tentar um lance maior. Miraram uma universitária de classe média alta chamada Patrícia. Passaram a ligar para a moça, passando-se por um admirador secreto. Como ela não aceitou os convites para conhecer o rapaz, resolveram seguir sua rotina e pegá-la à força. Uma noite em que Patrícia ia para um bar com uma amiga, abordaram-nas e meteram as duas dentro de um Temptra (QUEIROZ, 2015, p. 48).

A terceira ponta da Estrela ressalta que o profissional deve proporcionar uma visão ampla da realidade. Assim como sugere Pena (2006), “é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração” (PENA, 2006, p. 14). No texto sobre Vera isso é visível porque a autora traz um exemplo de tantos problemas enfrentados por mulheres homossexuais, principalmente quando não aceitas pela própria família. Devido a isso, muitas “escondem” sua sexualidade por não terem coragem de enfrentar situações de preconceito por parte daqueles que deveriam acolhê-las.

Na cidade grande, a vida ficou difícil. Não aceitava ter que começar do zero, se matar de trabalhar em troca de mixaria e tudo. Mas insistiam em oferecer a ela servicinho de faxineira para ganhar, na época, 12 reais por dia. Doze reais! Para sustentar ela a filha e chegar ao trabalho. Na ponta do lápis, não pagava nem a gasolina do carro. Resolveu que se São Paulo não a tratava bem, ela ia devolver na mesma moeda (QUEIROZ, 2015, p. 48).

Poxa vida, Vera não era má, mas tinha uma filha para sustentar. A família da garota morava naqueles prédios redondos, apartamento por andar, coisa linda. Ela tinha uma irmã gêmea, jornalista, mas só fazia faculdade, a patricinha, vivia fumando maconha nos botequinhos. Claro que podiam pagar mais! Mas, numa negociação, o pai dela chegou a falar: “Se vocês matarem essa aí, eu tenho outra que é igualzinha” (QUEIROZ, 2015, p. 49).

Ao mesmo tempo em que a autora proporciona uma visão de toda a realidade, entrando nos detalhes de cada acontecimento, ela também exerce a cidadania, quarta característica proposta por Pena (2006). Além de informar o leitor a partir de vários ângulos, a autora coloca-se no lugar de Vera, pois, para além de informar, o texto também traz uma reflexão, e isso só é possível quando o jornalista é empático. Esta característica pode ser percebida no trecho:

Não chegava a se importar com a visão dele acariciando outra mulher, nem sequer transando com ela. O que a incomodava mesmo eram os mimos de luxo, os jantares caros... poxa, ele estava praticamente sustentando outra fora de casa! “Todo dia ela com presentinho e eu grávida de sete meses, barrigão danado...” (QUEIROZ, 2015, p. 47).

No exemplo acima, o leitor consegue perceber até mesmo uma “revolta” por parte da autora, principalmente quando ela diz que o marido de Vera sustentava outra mesmo sabendo de sua gravidez.

Ao verificar a presença da quinta característica, percebe-se a criatividade da autora, já que ela puxou vários ganchos e os usou de forma que o texto ficasse leve, possibilitando ao leitor uma melhor compreensão dos fatos, e isso sem prender-se aos padrões do lead. Quando Vera sequestrou, junto com sua irmã e cunhado, a jovem Patrícia, ao contrário do que apareceria em um texto objetivo em um jornal diário, por exemplo, ela deixou que a personagem pudesse relatar até mesmo como Patrícia havia sido tratada quando estava no cativo.

Hoje, Vera se convence de que Patrícia foi bem tratada. Usava droga, até compraram maconha pra ela fumar. E maconha com aquela seda pronta. Fumava maconha o dia

inteiro e comia muito bem, tinha até refrigerante. Colocavam-na pra tomar banho duas vezes por dia (QUEIROZ, 2015, p. 48).

Teve que se acalmar pela filha. O pai registrou a menina e conviveu com ela até os seis meses, quando Vera chegou ao seu limite e decidiu que iria mesmo para São Paulo. Desistiu do mercadinho, da casa, dos móveis. Largou tudo. Levou só a filha e o carro (QUEIROZ, 2015, p. 47).

Quanto às fontes, Nana não buscou nenhuma primária, mas evitou-as – assim como sugere a sexta característica de Pena (2006). Como o jornalismo diário exige rapidez, em Presos que Menstruam a jornalista não precisou se preocupar com isso. Pelo contrário, deu voz aquelas que nunca haviam dado entrevista a alguém que não fosse para a polícia. No texto, a autora conversa com a personagem, traça seu perfil e o humaniza, mesmo que “lá fora” a personagem seja vista como uma sequestradora:

Os maus-tratos, contudo, nunca domaram o gênio ou os desejos de Vera. Para ela, a autenticidade era um valor supremo – ou, ao menos, a autenticidade interna. Era muito verdadeira com o que sentia e não se permitia enganar. Os outros, talvez. A si mesma, jamais. Também via coisas de maneira muito pragmática e não era afeita a ilusões. Não sonhava além do que sua realidade permitia e tinha uma boa medida das alternativas à sua disposição. E, para ela, uma heterossexualidade de fachada era a única saída plausível naquele momento (QUEIROZ, 2015, p. 44).

Por fim e não menos importante, a sétima característica de Pena (2006) menciona que todo jornalista deve buscar assuntos que possam ser lidos 20 anos depois e, mesmo assim, permaneçam atuais, possibilitando que o leitor o compreenda. E isso é uma das características presentes neste texto, principalmente por apresentar fatos que não necessitam de uma localização de tempo, mas que são voltados para acontecimentos pessoais.

4.5 Análise do capítulo 5 – Camila: Joe

“Joe” é a primeira história do quinto capítulo de Presos que Menstruam, denominado Camila. Com cinco páginas, a vida da personagem não é contada em ordem cronológica. Camila é uma jovem acusada de ter mandado matar seu marido Wanderley, após envolver-se com Joe. A pena, dezessete anos na cadeia.

Ao contrário dos textos analisado até aqui, este é escrito de uma forma diferente: a autora intercala conversas entre a personagem, o marido e o amante com as falas da juíza e do promotor na data de seu julgamento, fazendo com que o leitor, no decorrer do texto, entenda o fato que a levou a prisão.

A primeira característica de Pena (2006) sugere ao jornalista a apuração rigorosa dos fatos, para resultar em um texto completo e que não tragas dúvidas ao leitor. Nana fez isso. Além de relatar a vida pessoal de Camila, traz um dos acontecimentos mais importantes na vida da personagem, que foi a data do julgamento por algo que, conforme conta na história, não fez. Isso pode ser percebido no seguinte trecho:

Com a ajuda da mãe, ela terminou o colegial. Mas que nem pensasse em ir para a farra: a avó se negara a cuidar dos meninos – sete anos depois, Daniel havia ganhado um irmãozinho, o Gabriel – a não ser para que ela estudasse. Wanderley também seguiu fazendo a vida e, depois de doze anos de casado, era um consultor de empresas bem-sucedido e um pai dedicado. Viajava muito, porém. Chegava a passar meses em outros países da América Latina, enquanto Camila ficava sozinha com as crianças.
- O Wanderley era uma boa pessoa, bom pai, bom marido. De repente, se nada disso tivesse acontecido ainda estaríamos juntos. Se eu tivesse aguentado a distância, me concentrado nele... (QUEIROZ, 2015, p. 52).

Acima, a autora traz um diálogo que deixa o leitor atento a algo ocorrido com seu marido Wanderley, principalmente por causa da última frase do parágrafo. Em termos de apuração, Nana, ao trazer informações sobre o julgamento, explica-os para não deixar dúvidas ao leitor:

O júri é composto por quatro mulheres e três homens. O advogado olha para Camila de forma pessimista e a prepara:
- Eu disse que se a maioria fosse mulher, a chance era muito grande de você ser sentenciada, porque mulher, já sabe, falou em traição...
O coração dela aperta no peito enquanto a juíza explica para os jurados como o julgamento vai ser. Que eles estão ali porque aquele era um caso de homicídio e somente esse tipo de crime vai a júri popular, começa a ler a acusação:
- Camila era casada com Wanderley, mas mantinha relações sexuais com João Cláudio (QUEIROZ, 2015, p. 52).

Outra característica presente neste texto é que a autora ultrapassou os limites do cotidiano, a segunda ponta proposta por Pena (2006). Nele, ela não busca o factual, a novidade, mas traz uma história rica em detalhes, apesar de ser um assunto visto nos veículos de comunicação com bastante frequência.

Em seguida, Pena (2006) propõe, como terceira característica, que o profissional proporcione uma visão ampla da realidade. Na história de Camila, Nana mostra que relacionamentos possessivos afetam e acabam com a vida de muitas mulheres, principalmente quando homens não aceitam o fim do relacionamento, ameaçando-as ou, como é o caso da história da personagem, matando seu marido. Nos trechos a seguir, a personagem sente-se culpada pelo que ocorreu, mas, na verdade, o único responsável pelo ocorrido foi seu ex-amante:

No fundo, ela nunca teve a intenção de separar-se de Wanderley. Apreciava a atenção que Joe dava a ela quando o marido estava longe, mas já era tempo dele voltar de sua longa estadia no Chile. Já era tempo da vida voltar aos eixos e o pecado dela ser esquecido num confessionário. Marcou um encontro de despedida com o amante e, com sinceridade, explicou que aquilo havia significado para ela, e terminou o caso (QUEIROZ, 2015, p. 52).

“Eu não sei o que Joe sente por mim, mas não é amor. Quando a gente ama, a gente deixa ir. A gente não vê tanta gente assim? A pessoa ama e vai embora, tem pessoas que se submetem a ficar como estepe até, só a hora que a pessoa quer. Mas ele, em vez disso, me ameaçou (QUEIROZ, 2015, p. 53).

Empatia é a palavra para a quarta característica. Visualiza-se ela em todo o texto, pois a autora, ao escrever sobre cada personagem, coloca-se no lugar deles. Ela cita acontecimentos sensíveis da vida de Camila, como, por exemplo, na noite em que seu marido foi assassinado. A forma como os escreve sensibiliza o leitor. “E, de repente, a gente só escutou o tiro. Nunca mais vou esquecer os olhos das crianças. Foi desesperador...” (QUEIROZ, 2015, p. 55). Na data do julgamento, quando se refere à leitura da sentença da personagem, a autora consegue trazer um ar de angústia ao leitor:

Camila já estava presa há cinco anos e três meses, então a sentença devia ser só um detalhe. Devia, mas não foi. Quando a juíza começa a ler a sentença. Ela paralisa. A voz da magistrada vai ficando embaraçada na cabeça dela, pesca uma palavra aqui e ali, tantos anos de inclusão no regime inicial fechado. Parada como se ninguém mais estivesse lá. Só ela (QUEIROZ, 2015, p. 54).

Com o passar dos anos, a imprensa tornou-se ágil, mas não menos subjetiva. Devido a isso, a quinta característica proposta por Pena (2006) é o rompimento com as correntes do lead, que visa a motivação do profissional a escrever narrativas criativas, desprendendo-se desse

padrão. Neste texto em análise, em vários trechos isso é notável. A autora não apresenta os personagens logo no início nem segue uma linha direta de acontecimentos ao longo da história, mas intercala-os:

Teria que contar o caso para Wanderley. Porque ele foi pro Chile, ficou muito tempo lá, e eu acabei traindo ele. Ele fica três, quatro meses fora toda vez que sair. Ele vai me perdoar, vai entender, pela distância.

- Não, Mila, não faz isso. Porque vai que você conta e o Joe nem fala nada? – Aconselhou a amiga (QUEIROZ, 2015, p. 53).

Entra na sala a próxima testemunha de acusação. É Letícia. Não diz que Camila estava envolvida no assassinato, porque nem tinha como saber nada sobre isso, mas confirma para todos que ela tinha, de fato, tido um caso com Joe (QUEIROZ, 2015, p. 53).

- O vestido dela parece uma capa de botijão!

Também, com aquela barriga bem projetada de seis meses e o tamanho de uma garota de 15 anos, a piada já era esperada. Assustada como toda grávida nessa idade, mas aliviada porque o pai da criança era um homem tão bondoso quanto Wanderley, ela foi seguindo o caminho até o altar de bom grado e pensando no lar tradicional e estável que daria a Daniel, o pequenino que estava carregando (QUEIROZ, 2015, p. 51).

Evitar os entrevistados de plantão é a sexta característica proposta por Pena (2006). Nesta reportagem, Nana também buscou pessoas que jamais imaginariam relatar suas histórias a alguém. São personagens diferentes, mas com histórias parecidas. No texto, a autora traz fatos esquecidos para todo mundo, menos para Camila. A matéria foi construída com apenas uma entrevista, mas várias pessoas são mencionadas. O foco principal, no entanto, não é destacar ninguém, mas ouvi-las.

Até hoje, Camila não pode ouvir barulho de arma de fogo nem mesmo em filme. Ela reconstrói em sua cabeça os acontecimentos daquela noite. As vozes, do lado de fora, perguntando por dinheiro, e os filhos escondendo os rostos em seu peito. Depois o som abafado da arma contra o travesseiro (QUEIROZ, 2015, p. 55).

Com relação a perenidade, última característica do conceito de Estrela de Sete Pontas, este texto é um exemplo de que não será esquecido no tempo, pois, ao mesmo tempo em que narra uma história, também a compreende a longo fato.

4.6 Análise do capítulo 6 – Glicéria: Encantados

“Encantados” é a primeira história do sexto capítulo de Presos que Menstruam, denominado Glicéria. Com quatro páginas, o texto não segue a ordem cronológica dos fatos. Nele, Nana relata a vida de Glicéria Tupinambá e traz, também, algumas lembranças culturais de povos indígenas. Dos textos analisados até aqui, é a primeira vez que a autora traz fatos ligados ao povo indígena e os relata curiosamente.

Assim como sugere Pena (2006), potencializar os recursos do jornalismo é uma das características presentes em textos literários. A observação atenta e a capacidade de expressar-se claramente são alguns dos pontos principais para escrever uma boa matéria. E isso, neste texto, é o que está mais presente. Ao conversar com Glicéria, a autora resgata a história de Os Encantados, conhecidos como espíritos da floresta para o povo indígena. A partir disso, ela consegue contextualizar desde a origem desta lenda até seu significado para este povo. Nos parágrafos abaixo é possível compreendê-los:

Os Encantados, explicou, em linguajar que eu pudesse entender, são como espíritos da floresta. Eles foram incumbidos pelo Criador de responsabilidade de proteger as pessoas, a natureza e todos os seus elementos. Perambular por aí sem serem vistos, mas são extremamente ocupados. Respeitam os territórios uns dos outros, sob a penalidade de causar grandes desastres naturais. Quando os Encantados do mar, por exemplo, invadem o espaço dos da terra, ocorrem os tsunamis. Quando os encantados das profundezas invadem as áreas de superfície, acontecem os terremotos. E assim por diante (QUEIROZ, 2015, p. 67).

E, assim, os guerreiros andaram pelo mundo encontrando novas comunidades e novas provas, e a elas foram respondendo até encontrar um desafio final. A última aldeia estava sob ataque de um inimigo poderoso que pretendia destruir os indígenas. Cansados e amedrontados após tantas batalhas, os guerreiros entenderam que aquele não era um problema que cabia a eles resolver e que não valia suas vidas (QUEIROZ, 2015, p. 68).

Esses Encantados, contudo, não são eternos. Só existem enquanto sua história continua a ser contada. Sua existência é garantida cada vez que um de seus descendentes lembra de seus feitos e os passa adiante (QUEIROZ, 2015, p. 69).

Nos trechos acima, nota-se a preocupação da autora ao explicar o significado de Encantados ao leitor. Para isso ser possível, a apuração dos fatos foi extremamente importante, já que é um assunto ligado a uma cultura específica e nem todo mundo conhece ou a domina.

Ultrapassar os limites do cotidiano, segundo Pena (2006), é a segunda característica presente nos textos literários. Com isso, o jornalista não precisa se preocupar somente com a novidade, mas atrelar-se a um olhar acima dos fatos do dia a dia, imaginando-os de forma que possam atrair o leitor. Em Encantados, a própria história já chama atenção pelo fato de não ser vista nos jornais diários com muita frequência. Exemplo disso é o trecho abaixo, onde Nana não deixa nenhum detalhe passar despercebido:

Ele nomeou, então, um a um os povos dos guerreiros e ao último deles, o único que havia entregado a própria vida pelo próximo sem se preocupar consigo mesmo, ele deu o nome Tupinambá, que significa “Deus perto do homem e o homem perto de Deus”. Esse seria o povo com coragem para vencer todas as batalhas e desafios que cruzassem seu caminho (QUEIROZ, 2015, p. 69).

A terceira característica da Estrela de Sete Pontas é que o texto literário proporcione uma visão ampla da realidade. No relato de Glicéria, a autora consegue trazer um mundo diferente, mostrando que, para o povo indígena, tornar-se um “Encantado” é extremamente importante e simbólico:

Por exemplo, quando meu avô morreu, para nós, ele também se tornou um Encantado – explicou Glicéria. Ele viveu na geração dele, na do meu pai e na minha. E agora vai viver na do meu filho e na dos meninos dele. A história dele vai virar eterna e, por isso, ele nunca vai pro esquecimento. Porque a morte pior é aquela em que você vai pro esquecimento. O que nos torna presentes na natureza é a história (QUEIROZ, 2015, p. 69).

Exercer a cidadania é, sem dúvida, um dos aspectos mais importantes ao entrevistar alguém. Colocar-se em seu lugar é um exercício que exige muito de um profissional. Sem isso, talvez a história não tenha a mesma emoção e sensibilidade ao ser contada. Nana, ao sensibilizar-se com Glicéria, mesmo sem querer, adentrou em sua história e deixou-se levar por ela. O resultado pode ser observado no seguinte parágrafo:

Um dia, porém, quando Deus andou pela Terra, achou uma série de guerreiros de aldeias diversas a quem quis atribuir a honra de tornarem-se Encantados ao morrer.
- Peraí, Glicéria, você quer dizer quando Jesus veio à Terra?
- Não sei se era Jesus, não perguntei, nem tive curiosidade de saber que deus era, o importante é só que ele veio à Terra, Nana. Quem liga que nome Deus tinha? (QUEIROZ, 2015, p. 67).

Criatividade resume a quinta característica da Estrela de Sete Pontas. Em todo texto visualizou-se a presença de fatos e acontecimentos curiosos, que despertam a vontade do leitor em consumi-los, principalmente por serem ligados a fatos históricos. Nana traz frases metafóricas, possíveis de compreendê-las somente no decorrer do texto. “Glicéria Tupinambá me apresentou Os Encantados enquanto bebíamos água de coco numa noite quente em sua casa catita na Serra do Padeiro, no Sul da Bahia” (QUEIROZ, 2015, p. 67) é a primeira frase deste texto. Sem preocupar-se em ser objetiva, Nana apenas busca aproximar o leitor, de maneira leve e explicativa.

A penúltima característica de Pena (2006) é evitar definidores primários, ou, de uma forma mais informal, os entrevistados de plantão. Isso é visível no texto de Glicéria, já que a autora somente a usou como fonte e, no fim da história, é que se descobre o motivo pelo qual a personagem foi presa. A impressão que o leitor tem é de que, até ali, nada aconteceria com ela.

No primeiro ataque da Polícia Federal à serra do Padeiro, na Terra Indígena Tupinambá de Olivença, em 2008, a mãe de Glicéria, Maria da Glória, recebeu um tiro de bala de borracha no meio do peito, pois se recusou a fugir de seu pedaço de chão. Chica tomou seis deles no corpo todo e teve que fazer cirurgia até. Ela postou-se entre a polícia as crianças que corriam para se esconder no matagal e usou seu corpo como escudo. Ailza foi torturada pela Polícia Federal em 2009, durante uma tentativa de reintegração de posse. Colocaram fogo em seus colares e lindos cocares, além de ameaçar cortar o cabelo dela, o que seria gravíssimo, já que havia prometido aos Encantados que os manteria longos (QUEIROZ, 2015, p. 70).

Essas mulheres todas, para os Tupinambá, provavelmente se tornarão Encantadas quando morrerem. E também Glicéria, que foi presa injustamente com o pequeno Erúthawã nos braços, com apenas um mês e meio de vida. Uma história digna de ser contada através das gerações — a começar por este livro (QUEIROZ, 2015, p. 70).

A sétima e última característica do conceito Estrela de Sete Pontas, proposto por Pena (2006), também está presente nesta história, justamente por ficar na permanência, possibilitando uma discussão a longo prazo.

Análise do capítulo 7 – Marcela: Ser lésbica x estar lésbica na cadeia

“Ser lésbica x estar lésbica na cadeia” é a primeira história do sétimo e último capítulo de Presos que Menstruam, denominado Marcela. Com sete páginas, a autora não segue uma

ordem cronológica dos fatos acerca da personagem principal, mas os intercala com dados sobre a homossexualidade nas penitenciárias brasileiras, principalmente nas femininas.

Ao lê-lo, percebe-se a presença de muitos dados voltados aos relacionamentos nas prisões. Nota-se que, a partir disso, há muitos elementos relacionados à primeira característica da Estrela de Sete Pontas, que é potencializar os recursos do jornalismo, pois Nana precisou, assim como os bons e essenciais costumes da profissão, pesquisar e apurar todos os dados. Isso pode ser notado nos seguintes trechos:

A homossexualidade nas prisões femininas é consideravelmente maior do que nos presídios masculinos. Em 1983, um estudo já estimava que ela girasse em torno de 50%. Hoje, após uma relativa liberação sexual, o fortalecimento do movimento gay e o aumento da aceitação, os casos ficaram menos clandestinos. Isso não quer dizer, de maneira alguma, que as homossexuais cometem mais crimes, mas que, para as mulheres, ao menos na cadeia, a afetividade pode moldar – e, porque não, expandir – a sexualidade (QUEIROZ, 2015, p. 251).

Outra diferença com relação ao sistema masculino é que, enquanto a maioria dos homens se relaciona homossexualmente por meio da prostituição, do estupro e de aventuras passageiras, as mulheres constroem relações sólidas e de laços emocionais muito intensos. Comumente, duas mulheres envolvidas pedem transferência para a mesma cela – ao que as guardas fazem vista grossa e permitem – e compartilham tudo o que têm (QUEIROZ, 2015, p. 251).

Outra característica de Pena (2006) acerca da escrita literária é a ampliação dos limites do dia a dia. Ou seja, o jornalista precisa se desprender do factual, buscar histórias diferentes e cativantes. Nesta história analisada, Nana, ao falar sobre relacionamentos homossexuais nas prisões, rompe com alguns tabus mantidos pela imprensa em geral, principalmente por trazer dois assuntos pouco abordados nas matérias dos noticiários cotidianos.

- Olha, eu tinha uma curiosidade. Então juntou a fome com a vontade de comer e tá tudo certo – ri. – Mas o que mais me motivou foi a carência. Tava muito carente. E, na minha opinião, as mulheres são muito atenciosas, porque a gente sabe da carência de cada uma, então fica tudo mais fácil. Acho que somos mais fiéis nas dificuldades também (QUEIROZ, 2015, p. 251-252).

Além de dar voz à Marcela, que é namorada de Vera, a autora ouve relatos de outras mulheres presas e os intercala com dados. A partir disso, é visível o terceiro elemento do conceito da Estrela, que incentiva o profissional a proporcionar uma visão ampla da realidade.

Assim como descrito na história, muitas presas, ao se sentirem sozinhas, relacionam-se seriamente com outras mulheres. “Tem aquelas uma que se envolve e assume, e aquelas que se envolve e não conta pra ninguém, é escondidinho” e “Mas as que curte mulher são poucas” (QUEIROZ, 2015, p. 252) são exemplos que ocorrem nas penitenciárias de todo o mundo.

No decorrer do texto, Nana refere-se muito à carência das presas, motivo pelo qual muitas justificaram os relacionamentos. Em diversos trechos é perceptível a empatia da autora, o exercício de colocar-se no lugar do outro, pois compreende perfeitamente que amor e carinho são essenciais na vida de todo ser humano. Mesmo assim, o preconceito vindo por funcionários e agentes penitenciários ainda afeta a vida de muitas mulheres. Essa é a quarta característica proposta por Pena (2006), e é encontrada nos seguintes parágrafos:

O alívio não veio por meio de pílulas, como o de Júlia, mas na ponta dos dedos e cantos dos ouvidos de Iara, uma detenta que a cobriu de atenção, segurança e companheirismo. A identificação entre as duas evoluiu para amizade, a amizade para afeto, o afeto ganhou pele, calor e cabelos entrelaçados. As noites vazias foram preenchidas por confidências, risinhos e abafados entre as cobertas. Iara a libertou de sua prisão interna e Marcela, que havia por toda sua vida se relacionado com homens, se apaixonou por ela (QUEIROZ, 2015, p. 250).

Ela nunca explicou porque resolveu ajudar no assassinato. Não gosta de falar muito, nem de entrar em detalhes. Responde só o que lhe perguntam e, às vezes, foge de respostas diretas. Evita tocar as feridas. Quando conversa sobre os sofrimentos que teve, ri uma risada alta que aperta os olhos castanhos atrás dos óculos e balança os brincos compridos prateados nas orelhas (QUEIROZ, 2015, p. 250).

Outro elemento do conceito da estrela de sete pontas é que o profissional não siga os padrões do *lead* e desenvolva um texto menos objetivo. Nessa história, Nana não se preocupa em obedecer ao *lead*, mesmo assim, consegue escrever claramente, com os fatos muito bem explicados:

Quando chegaram ao local, um dos rapazes deu uma arma na mão dela e disse que precisavam de alguém que segurasse o táxi para a fuga. Ela nem questionou. Continuou onde estava, com o revólver exatamente na posição em que o haviam colocado entre seus dedos, como decretava sua personalidade passiva. O taxista pareceu mais tranquilo de estar com ela e só tremeu quando ouviu quatro tiros. A vingança dos rapazes estava cumprida e ele talvez só tenha sobrevivido porque Marcela intercedeu por sua vida (QUEIROZ, 2015, p. 249).

A sexta característica aconselha evitar definidores primários. Além de ouvir as presas, Nana buscou referências em livros e com outras pessoas que já estudaram as relações homossexuais nas prisões. Porém, o foco principal é, sim, as mulheres encarceradas.

Um exemplo é o prontuário de Fátima Costa que, em novembro de 1982, recebeu a seguinte anotação: "A sentenciada Fátima Costa se encontrava na sua cela quando a sentenciada Flora dos Santos foi até lá buscar um shampoo. A sentenciada Fátima pediu que a sentenciada Flora praticasse atos indecorosos e a mesma aceitou. Neste momento elas foram apreendidas pela guarda do andar que as encaminharam [sic] para o escritório na presença da supervisora. Foram levadas para a cela até segunda ordem. Punição: Falta gravíssima, proponho oito dias de cela comum e quinze dias de isolamento noturno" (QUEIROZ, 2015, p. 254).

O preconceito tem raízes tão profundas que até supostos defensores dos direitos humanos, às vezes, se deixam complicar com suas declarações. Um caso marcante é o do jurista Rogério Greco que, em seu livro *Direitos humanos, sistema prisional e alternativas à privação de liberdade*, chega a defender que os presos conhecidamente homossexuais sejam isolados do restante da população carcerária, já que, "em regra, tinham vida promíscua (desde) fora do cárcere", e são, segundo ele, os maiores portadores de doenças sexualmente transmissíveis (QUEIROZ, 2015, p. 254).

Assim como os seis textos trabalhados anteriormente, a última característica de Pena (2006) é a perenidade, presente em todos eles. Essa última história analisada não será esquecida facilmente, pois o assunto possibilita uma compreensão independente do período em que foi escrito. "Não tem como eu me relacionar com homem hoje. Não sei o que mudou, mas depois que eu me envolvi com mulher, não quis mais saber de homem nenhum, elas são amantes muito melhores" (QUEIROZ, 2015, p. 255) deixa claro e comprova isso.

4.8 Síntese da análise

Após a análise das histórias selecionadas do livro-reportagem *Presos que Menstruam*, a partir das definições de Pena (2006) sobre jornalismo literário, notou-se que a autora, em todos os textos, apresenta as características do conceito da Estrela de Sete Pontas apresentado pelo autor. Percebeu-se, também, que em alguns relatos a presença de certas características é maior que em outros, como é o caso da primeira, quarta e quinta característica.

A primeira delas refere-se à potencialização dos recursos do jornalismo, ou seja, o olhar atento aos mínimos detalhes, a facilidade de expressar-se claramente e a apresentação ética dos

fatos foram alguns dos principais pontos encontrados nos textos analisados. Outra característica bastante presente é o fato de a autora buscar exercer a cidadania a partir da sua construção textual, principalmente ao pautar assuntos ligados a situação das prisões femininas. Ao trazer o relato de cada personagem, Nana colocou-se em seus lugares e enfatizou os mínimos detalhes, sensibilizando o leitor. Por fim, o quinto elemento da Estrela de Sete Pontas, que sugere o rompimento com as correntes do *lead*, também foi o mais encontrado, já que a autora não se importou com a objetividade, escapando completamente dos padrões engessados das notícias do dia a dia.

Na amostra selecionada essas foram as três características mais presentes nos textos, pelo fato de que a autora, ao abordar um assunto pouco pautado na mídia em geral, buscou apresentá-lo de forma que quebrasse com alguns tabus, focando, principalmente, em uma linguagem de igualdade e empática.

Cada reportagem foi lida atentamente e as características, aos poucos, foram identificadas. Como a autora usa uma linguagem bastante literária, e a prova disso é esta análise, alguns trechos foram mais difíceis de serem enquadrados em determinados aspectos. Exemplo disso é o Capítulo 6, denominado Encantados, onde a autora quase não mantém um diálogo com a personagem, mas resgata a história de povos indígenas – e, mesmo assim, utiliza uma narrativa literária.

Além de ter sido abordado de uma forma diferente do que se costuma ver nas notícias factuais, o assunto deste livro em estudo foi um desafio para a autora, e ela conseguiu provar que textos literários podem, sim, mudar o olhar do leitor com relação a assuntos mais impactantes. Tanto é que, assim como citado acima, todas as características da Estrela de Sete Pontas foram encontradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho, que objetivou estudar a presença do jornalismo literário no livro-reportagem “Presos que Menstruam”, escrito pela jornalista Nana Queiroz, identificou-se a presença das características da Estrela de Sete Pontas, de Felipe Pena (2006), em todos os sete textos analisados. Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites do cotidiano, proporcionar uma visão ampla da realidade, exercer a cidadania, romper com as correntes do *lead*, evitar definidores primários e perenidade são as características desse conceito, apresentado pelo autor como essenciais para escrever um texto literário no jornalismo; um complementa o outro.

Assim como muitas das pessoas que leram “Presos que Menstruam”, também me emocionei e me indignei com cada relato. O próprio título da obra já é impactante, pois se refere às mulheres tratadas como homens nas prisões femininas. Surpreendeu-me que a autora, ao longo de quase cinco anos, dedicou-se exclusivamente a apuração dos fatos e a escrevê-los. Para isso, entrevistou mais de cem pessoas entre personagens, seus familiares e amigos, agentes penitenciários e fontes oficiais.

Além da desigualdade social e de gênero trazidas pela autora, contadas através dos relatos da vida de cada uma das mulheres do livro, percebi, também, o quanto a imprensa evita falar de mulheres encarceradas. De acordo com dados do relatório da Infopen Mulheres, de junho de 2014, o último levantamento feito com relação ao sistema penitenciário brasileiro mostrava que, em 2014, haviam 579.781 presos. Desse total, 37.380 eram mulheres.

Por que ainda há poucos trabalhos jornalísticos que abordam o assunto? Em “Presos que Menstruam”, Nana dá voz às mulheres encarceradas de forma humanizada e literária, rompendo com alguns tabus mantidos pela imprensa. A presença de bebês nas prisões, a falta de auxílio para cuidá-los, as torturas físicas e psicológicas e as celas despreparadas para atender as necessidades fisiológicas são alguns dos dramas vividos pelas mulheres dentro das cadeias do país.

Ao longo das quase 300 páginas do livro há muitos fatos curiosos, além das próprias histórias. Assim como as características de Pena (2006) mostram, o jornalismo literário traz um texto humanizado e artístico. A autora, além de exercer a empatia, preocupou-se em trazer dados e fatos históricos, intercalando-os com as histórias das personagens – mesmo que isso quase não tenha aparecido nos sete textos analisados.

A forma como a autora conta cada relato impressiona; é uma leitura sensível, mas não indulgente. Através desta análise pôde-se perceber que o jornalismo literário quebra com os padrões engessados das redações e possibilita ao jornalista outras maneiras de contar uma história. Sabe-se que um dos motivos pelos quais o repórter não consegue abordar assuntos de forma mais humanizada no dia a dia é pelo fato de que isso exige um período maior de tempo. Tanto é que a própria obra estudada levou quase cinco anos para ser concluída.

Esta monografia abre portas para inúmeras possibilidades de estudo em diversas áreas do conhecimento. No jornalismo, por exemplo, seria possível comparar “Presos que Menstruam” com outros livros-reportagem que também abordam temas relacionados ao sistema carcerário, ou até mesmo analisá-lo a partir do conceito defendido por outros autores, já que neste trabalho foram utilizadas as definições de Pena (2006).

Abordar um assunto desses é um desafio. Para além de ajudar a compreender o sistema carcerário brasileiro, “Presos que Menstruam” mostrou-me que, através do jornalismo, é possível dar voz àqueles que não são ouvidos e, de forma ou de outra, ajudar a transformar a realidade, mesmo que aos poucos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BORGES, Rogério. Jornalismo Literário: Teoria e Análise. Florianópolis: Insular, 2013.
- CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- EDITORA RECORD. www.blogdaeditorarecord.com.br/2015/10/26/presos-que-menstruam-de-nana-queiroz. Acesso em: 13/05/2016.
- FÁVERO, Altair Alberto; GABOARDI, Ediovani Antônio; CENSI, Angelo Vitório; RAUBER, Jaime José; TROMBETTA, G. L.; SOARES, M. Apresentação de trabalhos científicos. 4.ed. Passo Fundo, Ediupf, 2008. v. 1. 1p.
- HERSCOVITZ, Heloísa Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia, BENETTI, Márcia. Metodologia de pesquisa em Jornalismo. Rio de Janeiro, Vozes, 2007.
- KOTSCHO, Ricardo. A prática da reportagem. 3. ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 1995.
- LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Livro-reportagem. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- LIMA, Edvaldo. Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004.
- LEVANTAMENTO NACIONAL DA INFOPEN. www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf. Acesso em: 14/15/2016.
- PENA, Felipe. Jornalismo Literário. São Paulo: Contexto, 2006.
- PENA, Felipe. Teoria do Jornalismo. 2. ed. São Paulo, 2010.
- QUEIROZ, Nana. Presos que Menstruam. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.
- REVISTA AZMINA. Azmina.com.br. Acesso em: 13/05/2016.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. Por que as notícias são como são. Florianópolis, 2005.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. 10. ed. Lisboa: Presença, 2009.